

Desesperar jamais

A mão invisível x a mão visível

A reforma da esquerda

Quem tem medo dos pobres?

"Não matarás"

As Igrejas e as classes médias

Solda ou liga?

A conspiração do silêncio

Ecologia, mundialização, espiritualidade

Cheque para a saúde do brasileiro

Democracia na terra

Argumentos é que não faltam

A vida, não!

A opção pelos pobres: uma análise teológica

Mosaico de problemas

Caminhemos nos passos dos pés

Celebração do amor e da vida

XII Encontro Nacional do MFC

A doença sem cura

fato e razão

MFC - Movimento Familiar Cristão

Recado ao leitor

Os editores da sua revista muito apreciariam receber uma carta, com a sua opinião sobre ela, caro leitor.

Temos procurado oferecer-lhe, em cada número, assuntos variados, mesclando textos de fácil leitura com outros mais eruditos, temas mais diretamente relacionados com as questões familiares alternados com os de conteúdo mais político, social e religioso, embora família, política e fé sejam aspectos inseparáveis de uma única realidade humana.

Suas sugestões sobre temas a tratar nos próximos números, suas críticas e comentários, serão acolhidos com muito respeito e atenção. Afinal de contas, a revista é feita para você, amigo leitor.

Muitos nos têm confirmado a utilização da revista como motivação de reuniões de grupos e debates em diferentes ambientes. Por isso, seguimos acrescentando a cada texto uma série de perguntas que ajudem a provocar uma boa discussão, sempre construtiva.

Nos rodapés de página, temos colocado algumas chamadas para questões que nos desafiam, mas, também, algumas notas pitorescas, provérbios interessantes, curiosidades e humor.

Em suma, tentamos adivinhar seus interesses que gostaríamos de ver confirmados ou desmentidos, para que cada vez mais você sinta que esta e, mesmo, a sua revista, caro leitor.

S. & H.A.

28 fato e razão

Edição

Movimento Familiar Cristão
Conselho Diretor Nacional
Marcio e Valeria Leite
José Newton e Ariadne Ribeiro
Bernardo e Ma. Nazaré Souza
Luiz e Helena dos Santos
Cyril e Mariana Miranda
Márcio e Malvina Fonseca
Jovino e Ruth Ferreira
Mara e Mainá Souza Neto
Amândio e Irmgard Grandó
Ivete T. e Adroaldo Lize
Wanderley Tavares
Claudison Halare
Isabelle Vasconcelos
Gerson Guimarães
Cleyton Santos
Rafael Hoff

Equipe de Redação

José e Beatriz Reis
Helio e Selma Amorim

Consultoria

BRAF - Instituto Brasileiro da Família

Distribuição e Correspondência

Livraria do MFC
Rua Espírito Santo, 1059/1109
Tel. (031) 222-5842
30150-031 Belo Horizonte MG

SUMÁRIO

Desemprego estrutural e violência, 2

Equipe de Redação Fato e Razão

Um tecido social em mutação, 5

Luiz Alberto Gómez de Souza (*)

Novo paradigma econômico, 11

Jung Mo Sung, (*)

Sobre deuses e rezas, 15

Rubem Alves, (*)

Do lado dos doentes, 18

D. Lucas Moreira Neves

A bondade, 21

Alceu Amoroso Lima

"Tudo é Mistério", Editora Vozes

Infalibilidade papal, questão ainda confusa, 25

Itamar Bonfatti,

O cenário para a humanização, 28

Helio e Selma Amorim

Assaltos aos bolsos do povo, 38

Equipe de redação de Fato e Razão

Cosmovisão e espiritualidade, 40

José e Beatriz Reis

Apenas um por cento, 50

Padre Zezinho

Gênero não é o mesmo que sexo, 52

Jêro Mofeng

Beijing: o encontro das mulheres do mundo, 62

Lucia Ribeiro

Os portugueses, o latifúndio e a escravidão, 62

Paulo R. Schilling

"Brasil: Pior Distribuição de Renda do Mundo"

Editora CEDI-Koinonia

O dinamismo transformador dos excluídos, 71

Luiz Alberto Gómez de Souza (*)

Para chegar a uma sexualidade adulta, 76

Luiz Fachini, "Mundo Jovem", RS

Preparação ao casamento / separação, 80

Márcio e Malvina Fonseca

(*) Extraído de "Tempo e Presença", revista editada por CEDI-Koinonia.

Desemprego estrutural e violência

João Paulo II recebe bispos gaúchos e se espanta: "Como um país tão grande pode ter problemas de terras?". Vicentino informa: "50 mil metalúrgicos estão desempregados, a maior parte em consequência do desemprego estrutural e não pelo problema conjuntural da queda das vendas".

O espanto do papa e o diagnóstico do sindicalista apontam para a urgência de políticas mais corajosas e radicais para uma justa distribuição de terras e aumento dos níveis de emprego. Sem essas políticas e ações conseqüentes, vai crescer a níveis intoleráveis a violência no campo e nas cidades. As classes privilegiadas pretendem buscar segurança nos mecanismos usuais de repressão. Mas não há polícias ou forças armadas, jagunços ou "seguranças", capazes de inverter essa espiral alimentada pela miséria e a fome, temperadas pela perda de auto-estima dos sem-terra acampados e dos desempregados urbanos levados ao desespero.

É verdade que parte importante dessa violência é decorrente das disputas por lucrativos negócios subterrâneos, especialmente do tráfico de drogas, da contravenção

do jogo e da exploração da prostituição, e se diversifica em assaltos a bancos e seqüestros, com ações audaciosas e bem organizadas. Essas ações são conduzidas por empresários do crime, capitalistas do tráfico, que não habitam favelas mas permanecem nas sombras, geralmente acobertados pela cumplicidade dos agentes de repressão. Aquelas ações, entretanto, são geralmente "terceirizadas", executadas por bandos de miseráveis que vivem refugiados num incessante troca-troca de esconderijos nas favelas. Esses "pés-de-chinelo" é que acabam presos ou mortos, em operações policiais ou nas guerras entre quadrilhas. Enveredam por essa trilha arriscada desde a infância, como olheiros ou "aviões", cooptados por traficantes, como solução para a falta de perspectiva de ascensão social, a miséria e a fome a que se sentiam condenados desde cedo. Um menino ganha mais na favela como simples mensageiro do tráfico do que seu pai operário, que resistiu à tentação da marginalidade arriscada mas lucrativa.

Ora, esse imenso contingente de mão-de-obra a que o crime

Equipe de Redação



O desemprego é o maior fantasma do modelo de economia neoliberal, resultado natural da sua subordinação absoluta às regras de competição do mercado, que apontam para crescente automação e conseqüente redução de mão-de-obra.

organizado recorre para formar seus quadros, teve geralmente sua origem na migração do campo para a cidade, por falta de terra para cultivar. Muitos para lá voltavam se houvesse terra disponível e algum apoio para começar a produzir.

Voltando ao espanto do papa e ao diagnóstico de Vicentinho: a concentração de terra em poucas mãos e o modelo de desenvolvimento tecnológico que avança inexoravelmente para a automação, informatização, robotização e novos modelos de gestão de empresas, nas atividades agrícolas e industriais, desembocam necessariamente em taxas crescentes de desemprego, sem retorno, a menos que medidas heterodoxas sejam adotadas, na contra-mão do modelo neoliberal, inclusive na questão constitucional

da subordinação do direito de propriedade à função social da posse da terra.

Haverá vontade política para esse redirecionamento do modelo?

A sempre adiada e lenta reforma agrária é um ponto de partida essencial. Vejamos como está a situação no campo. Vamos ouvir quem entende: a Comissão de Pastoral da Terra (CPT) afirma que só se acaba com a fome no país mediante a criação de empregos no campo; Osvaldo Russo, ex-INCRA, informa que há 150 milhões de hectares de latifúndios não explorados e o Movimento dos Sem-Terra (MST) calcula que existem no Brasil 360 milhões de hectares de terras das mais produtivas do mundo; a CNBB denuncia: 3,1 milhões de agricultores ocupam 10 milhões de hectares enquanto 50 mil latifundiários

possuem 165 milhões de hectares, 1% dos proprietários têm 44% das terras. Há 5 milhões de brasileiros sem-terra + 2 milhões de posseiros + 5 milhões de assalariados no campo, dos quais só 22,5% com carteira assinada. CPT registra 942 assassinatos de trabalhadores rurais, advogados e líderes sindicais e religiosos nos últimos 10 anos. De 1964 a 1990 foram assassinadas 1630 pessoas. Em 1994 houve 485 conflitos no campo com 47 pessoas assassinadas. Em 1995, são 31 mortos. O IBGE estima em 7,5 milhões o número de trabalhadores rurais submetidos a trabalho escravo (11% da população ativa do país).

Quanto ao desemprego estrutural sabemos que já atinge 30% da força mundial de trabalho. Ignacy Sachs, afirma que "a globalização das economias não contribuirá para a redução do desemprego". A OIT registra 120 milhões de desempregados e 700 milhões de subempregados no mundo. O Banco Mundial estima que em 2010 os países em desenvolvimento terão 1 bilhão de pessoas com rendas do nível da Espanha e Grécia (US\$ 8 a 13 mil/ano) mas 3 bilhões estarão fora da economia de mercado, numa atividade de subsistência, à margem do progresso. As Nações Unidas consideram a necessidade de criação de 1 bilhão de empregos nos próximos 10 anos, mas constata que a automação crescente aponta no sentido contrário. As 37

@ Como nos posicionamos e o que fazemos frente a essas duas questões: desemprego e lavradores sem terra? Justifiquemos. Exemplos de iniciativas possíveis.

Não há polícias ou forças armadas capazes de inverter a espiral de violência alimentada pela miséria, fome e perda de auto-estima.

mil empresas multinacionais existentes, com 200 mil filiais no mundo, oferecem apenas 5% dos empregos atuais.

O deputado Franco Montoro, um dos competentes estudiosos do assunto, afirma que o desenvolvimento econômico e a integração entre os povos deve ter uma dimensão humana e não puramente mercadológica. A tarefa principal é a geração de empregos com destaque para as micro-empresas, a agricultura doméstica, a agro-indústria, a criação de cooperativas rurais e urbanas, a construção civil e investimentos maciços na educação, com aquele objetivo.

Dados e idéias não faltam. Algumas ações de governo anunciadas reacendem esperanças. Que não sejam "fogo de palha" vai depender da pressão popular, da movimentação dos sem-terra, da atuação dos sindicatos e igrejas e do medo generalizado de gente poderosa, diante da violência crescente, da qual ninguém mais se sente defendido.

Um tecido social em mutação

Luiz Alberto Gomez de Souza
Sociólogo

A noção de mudança social é antiga e já a encontramos entre os gregos. Mas, para estes, a história era circular e as transformações tinham mais a ver com reacomodações. A própria idéia de revolução, bastante recente, começou com a conotação de restauração, vinda da astronomia, da revolução dos astros, isto é, o eterno retorno, a "re-volta", volta atrás. Foi da Revolução Francesa para cá que ela passaria a significar um passo adiante, ainda que, num primeiro momento, tivesse o significado de repor a antiga ordem "natural" das coisas, pervertida pelo despotismo dos monarcas.

Ouvir a história. Rapidamente, revolução passou a ter um sentido quase mágico e frequentemente voluntarista de transformação radical e foi associado à tomada do poder político. A morte do rei Luís XVI e a proclamação da república situaram-se no ano I do novo calendário. A revolução de outubro, neste século, em 1917, seria dessa maneira paradigmática. Ocupar o palácio de inverno dos czares era inaugurar uma ordem nova, aparentemente irreversível. São Petersburgo passaria

a chamar-se simplesmente Petrogrado, cidade de Pedro, na espera de ganhar, na hagiografia secular, o nome de Leningrado, o novo herói-mito, santo não-religioso, com direito a relíquia e peregrinação ao túmulo.

Agora, quando São Petersburgo foi restaurada (revolução no velho sentido do movimento celeste ou do eterno retorno), há uma sensação desconfortável nos meios revolucionários tradicionais que acreditaram nos determinismos históricos e nos "amanhãs que cantam".

Do outro lado, nos meios neoliberais, mais míopes ainda, corre um sentimento de alívio, como o que atravessou a Europa em 1815, com a restauração do *ancien régime* monárquico na França. E seus ideólogos se põem logo a apregoar o "fim da história", desse perigoso tempo de mudanças sociais imprevisíveis. Para eles, o capitalismo liberal inauguraria uma situação estável e cômoda. Cancelamento das utopias irresponsáveis, longo reinado da ordem e da harmonia. Tranquilidade para os que teriam tudo a perder com a mudança. "Eppur si muove" ("mas na verdade se move"), diria Galileu logo depois de forçado a retratar-se pela

Inquisição, que negava até a rotação terrestre. Entretanto, poderíamos repetir: alguma coisa — ou muita coisa — vai mudando, para além da crise de uma certa esquerda e das expectativas de uma certa direita.

Desigualdade. Muitos querem até mesmo proclamar que esquerda e direita são noções superadas. Norberto Bobbio, sábio e octogenário, vem demonstrar o contrário, em iluminador ensaio (*Direita e esquerda — razões e significados de uma distinção política*, Editora Unesp, 1995). A oposição entre ambas não se dá tanto entre escolher liberdade ou autoritarismo (temos visto uma esquerda libertária e outra autoritária, uma direita politicamente liberal e outra instauradora de ditaduras), mas na maneira como se situam diante do problema da igualdade. A desigualdade social como uma ordem natural e irremediável para uns, como uma situação injusta e intolerável para outros, e que exige transformações no seio da sociedade. Congelamento ou mudança, volta o tema das transformações no tecido social.

A ordem capitalista de nossos dias se mostra não só injusta, mas crescentemente concentradora, no interior de cada sociedade (aumentam os pobres também nos Estados Unidos) e na dimensão planetária (o abismo crescente entre o Norte e o Sul). O tema da desigualdade se desdobra no da miséria e da exclusão social.

Temos visto uma esquerda libertária e outra autoritária, uma direita liberal e outra ditatorial.

Nesse sentido, as denúncias dos socialistas e dos libertários do século passado são muito atuais e mesmo têm agora conotações ainda mais escandalosas. E não se trata de construir, em oposição, outra ordem alternativa, niveladora por baixo e uniformizante, mas pensar numa sociedade que superando desigualdades intoleráveis, respeite as diferenças, os pluralismos e as divergências.

Muitas frentes. É preciso revisar a extensão do que entendemos realmente por mudanças e também tomar em conta a complexidade de seus vários níveis. Privilegiando os aspectos políticos, através dos mecanismos coercitivos do estado, faríamos tudo depender de um punhado de governantes, ou de um partido com aspirações de direção. Estaríamos então esquecendo uma série de outros elementos sociais, econômicos, psicológicos e culturais, por onde teriam de passar igualmente as transformações. Se tudo se baseasse nos instrumentos do poder político, perante as resistências, inércias ou lentidões em outras dimensões, a tentativa



As transformações na sociedade podem surgir das variadas e às vezes contraditórias ações dos inúmeros movimentos populares, de ecologistas, mulheres, negros, índios, sem-terra, desempregados e tantos outros.

viria quase inevitável: mudar a sociedade, a partir do Estado, de qualquer maneira, quase a qualquer preço, com o risco de, corrompendo autoritariamente os meios, comprometer definitivamente os fins. Não vímos isso acontecer, tragicamente, no Leste europeu, indicando o esgotamento das propostas jacobinas?

Creio que, lenta e penosamente, vamos descobrindo que mudar a sociedade é trabalhar em muitas frentes, num longo e enviesado processo histórico. Não podemos esquecer que o fim das ilusões "revolucionistas" não se deu de repente em 1989, com a dissolução do Socialismo Real. Ele começou bem antes, esteve nas intuições dos jovens de 1968 (aliás 1989 é a mesma sigla de ponta-

cabeça), só que demorou duas décadas para ser suficientemente absorvido. Nos muros de Paris, parafraseando uma afirmação célebre de 1789 (o 89 de dois séculos atrás); esses jovens escreveram que não se tratava de uma revolução, mas de uma mutação histórica muito mais profunda e radical do que simples mudanças nas regras do jogo político e econômico ("Majestade, não é uma revolta, é uma revolução", dissera o ministro ao rei no dia da queda da Bastilha; "Majestade, não é uma revolução, é uma mutação", podia-se ler agora no Quartier Latin).

E, com os jovens, entraram logo em cena novos atores das mudanças. Não apenas as classes sociais organizadas em partidos e sindicatos, como nas lutas do

*Vamos descobrindo que
mudar a sociedade é
trabalhar em muitas fren-
tes, num longo e
enviesado processo
histórico.*

século XIX, mas os movimentos sociais articulando os mais variados interesses dos desiguais na economia e nas relações sociais, mas também no gênero, na raça e nas culturas. Por isso a temática dos movimentos (mulheres, negros, índios, ecologistas, resistências populares...) fica sempre mais central nas análises contemporâneas e por eles passam reivindicações e práticas de grande potencial transformador. O mesmo acontece com variados grupos religiosos, até porque colocam suas metas, ambiciosamente, além da própria história e podem trazer assim forte conteúdo radicalizador na sociedade.

No caso das transformações dependerem principalmente de uma estratégia baseada nas decisões do poder, o fundamental seria preparar um programa político global e subordinar tudo à consecução de suas metas: O desenho das mudanças estaria fundamentalmente situado no nível macro da sociedade, em seus contornos gerais, num plano revolucionário incluyente e totalizante (com o risco de tornar-se totalitário, a terrível tentação deste século XX que termina).

Desenhos diversos. Se, entretanto, buscamos as modificações da sociedade numa perspectiva mais ampla, descobrimos toda uma série de atividades em vários níveis, não necessariamente inscritas num desenho único e abrangente. Elas podem surgir até mesmo contraditórias, nascidas de diferentes inspirações, preparadas a muitas mãos, por inúmeros atores, articulando-se posteriormente umas com as outras, nem sempre de maneira coerente, com a permanência de tensões e de vetores divergentes. Podem então confluir muitas iniciativas no nível micro da sociedade, a partir de ações à primeira vista limitadas e parciais, mas com potencialidade de irradiação e de contágio, verdadeiros laboratórios de práticas sociais, experiências concretas portadoras de futuro.

Quem gosta de planos prefixados a partir de leis históricas (determinismos ou dogmas) terá talvez a sensação de encontrar-se no meio de uma grande confusão e sentirá falta de uma ordem revolucionária bem estabelecida. O irônico, porém, é que ordem está mais associado ao imobilismo das direitas, do que à busca de igualdade e justiça das esquerdas. Porém, não se trata de ficar numa apologia de fragmentariedade e de falta de sentidos, própria de uma visão pós-moderna, que nega racionalidade e direção da História para a frente. Vale notar, aliás, que pós-modernos e neoliberais, ambos, de certa forma, imobilistas e conservadores, têm mais coisas em comum

do que eles próprios imaginam. Na verdade há um sentido histórico a construir, não como alguma coisa fixada num desenho preestabelecido, mas como uma tarefa a realizar olhando adiante, com os vetores apontando para o futuro, a partir das práticas do presente, neste caso mais projeto aberto ("projetado", lançado para a frente), do que plano previamente definido.

Empurrar a História. Um marxista "utópico" (não há um Marx utópico, do reino da liberdade, a descobrir?), Ernst Bloch, nos falou do Princípio-Esperança, "inquieta-mente iluminador", que do futuro atrai a História sempre para a frente, para uma antecipação concreta a partir das possibilidades ainda não realizadas, mas reais, de uma época. Por esse eixo tencionado para o futuro, se dirige a procura de maior igualdade, liberdade e solidariedade, velhos ideais que vêm da Revolução Francesa. Teilhard de

*A realização da igualdade
e da justiça é uma virtude
a ser feita possível pela
ação humana.*

Chardin já mencionava uma "direção axial" da História, que deveríamos ver, entretanto, como alguma coisa a construir, não fatalista ou predeterminada, mas tendência a ser conquistada numa história aberta à aventura, aos êxitos e também aos fracassos. A realização da igualdade e da justiça social não está assegurada, ela é uma virtude a ser feita possível pela ação humana. Vários são os cenários alternativos propostos à nossa frente. Compete a nós escolher algumas direções e lutar por elas, sabendo desde já que os resultados serão parciais, complexos e inesperados, além e aquém das previsões.



E por falar em utopia, também hoje os ideólogos que pregaram o fim das ideologias, anunciam afoitamente o fim das utopias, isto é, dos sonhos por um mundo melhor. Utopia, etimologicamente, quer dizer nenhum lugar (*u-topos*). Mas pode significar um horizonte, mais à frente, para o qual queremos empurrar a História. E que, de certa maneira, nunca alcançamos. Mal nos aproximamos dele e já outro horizonte se abre adiante, carregado de surpresas e de imprevisíveis novidades. Tudo isso não é fruto de voluntarismos teimosos ou de sonhos ingênuos, mas se vai construindo em torno a muitas práticas e experiências, quando os espaços micro vão costurando pacientemente a rede macro de um tecido social em mutação. Não se trata de um anseio perdido no amanhã, mas, ao contrário, começa desde agora. Faz alguns anos pediram que descrevesse minha "utopia con-

@ Como se definem, hoje, na política, **esquerda** e **direita**?

@ Perseguimos utopias? Sonhamos com uma sociedade ideal? Como seria ela? É um sonho impossível ou realidade possível?

@ Temos um projeto político claro? Qual?

@ Quais os caminhos possíveis para concretizá-lo? Estratégias? Etapas?

@ O que depende de nós? Como atuar? Quais as nossas perspectivas quanto ao futuro do país?



"A inflação tem suas compensações: o que você não tem agora vale muito mais do que o que você não tinha antes".

(Millor Fernandes)

O sonho utópico jamais desaparece para sempre, pois é parte intrínseca da natureza humana.

creta". Comecei com a seguinte pergunta: A utopia não estará nascendo no meio de nós?

Com a utopia vislumbramos um novo horizonte para a História. O sonho utópico jamais desaparece para sempre. Ele é parte intrínseca da natureza humana, especialmente quando as pessoas são jovens. Todos sonham com uma sociedade perfeita ou, pelo menos, diferente e muito melhor. Eu acredito que vão existir outras versões daquele sonho utópico. O desaparecimento temporário de uma utopia não significa que todas elas desapareceram.

Fonte: Entrevista de Eric Hobsbawm no Jornal do Brasil, 15/8/95.

Novo paradigma econômico

Jung Mo Sung

Teólogo leigo, escritor

No atual processo econômico aspectos considerados importantes anteriormente estão sendo relegados a um plano secundário. Destacam-se no novo paradigma econômico a regulação pelo mercado, a tecnologia, a globalização da economia e as novas relações e processos de produção nas empresas.

Vivemos uma época de grandes transições. Modos já consolidados de compreender e de atuar na História estão perdendo eficácia. Surgem novos enfoques e novas linguagens. Fala-se em pós-modernidade, sociedade pós-capitalista e outros "pós" como tentativa de mostrar que estamos em uma época de transição, sem sabermos bem ainda para onde vamos nem o que está sendo gestado. Por isso, fala-se em crise de paradigmas. Antigos padrões de reflexão e de ação encontram-se em crise e um novo padrão ainda não se firmou.

Desenvolvimentismo. No campo econômico, podemos marcar o início da mudança de paradigma na década de 1970. Até o final da década anterior, existia

um otimismo baseado naquilo que Celso Furtado chamou de "mito do desenvolvimento". Acreditava-se que o desenvolvimento econômico alcançado pelos países ricos industrializados podia ser difundido por todo o mundo por meio do processo de industrialização e da modernização da economia. Com isso, fazia-se crer que o padrão de consumo do Primeiro Mundo poderia ser imitado por todos os países. Na América Latina, essa ideologia ficou conhecida como desenvolvimentismo, um pensamento econômico baseado em Keynes.

Em 1972, entretanto, foi publicado um estudo, "The Limits to Growth" (Limites para o crescimento), que mostrou a ilusão desse mito do desenvolvimento. Segundo a obra, se o padrão de crescimento econômico e de consumo dos países do Primeiro Mundo fosse espalhado pelo mundo afora, haveria uma crise de recursos naturais não-renováveis e um sério aumento na poluição ambiental, que gerariam um colapso no sistema econômico mundial. Em 1973 houve a primeira grande crise do petróleo, que acabou reforçando a crítica ao otimismo subjacente a esse mito. Em 1974, Hayek — o

papa do neoliberalismo — ganhou o Prêmio Nobel de Economia, e na conferência por ocasião do recebimento do prêmio fez uma séria crítica a toda tentativa de solucionar problemas sociais mediante a intervenção do Estado e da sociedade na economia. Para ele e outros neoliberais, não é possível buscar consciente e intencionalmente a solução de problemas econômicos e sociais como desemprego e pobreza. A única alternativa é deixar tudo por conta dos mecanismos de mercado.

Mercado. As eleições de Reagan, nos Estados Unidos, e de Thatcher, na Inglaterra, consolidaram no campo político esse novo paradigma econômico. O otimismo exagerado foi substituído por um pessimismo com ares de realismo e de religiosidade diante do mercado capitalista. Vejamos um exemplo para compreender melhor esta mudança. Diante de uma realidade social na qual existem cem trabalhadores e somente cinquenta empregos, são possíveis duas posturas básicas. A primeira é dizer que faltam empregos, e, portanto, a solução é criar mais empregos com a intervenção do Estado. Essa era a postura da fase desenvolvimentista *keynesiana*. A segunda opção é dizer que sobram pessoas. A solução nesse caso seria controlar o aumento populacional. É a postura neoliberal. Os defensores dessa teoria pressupõem que o número de empregos não pode ser aumentado acima dos níveis atuais ditados

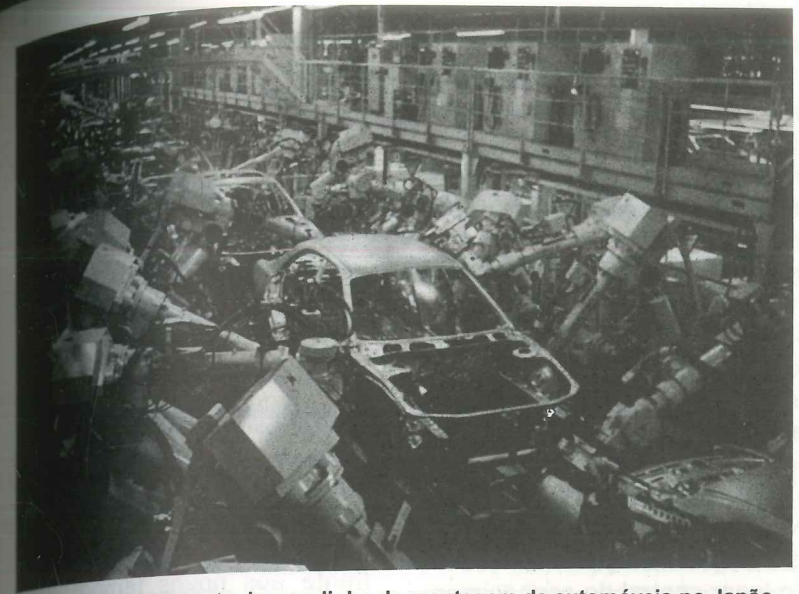
Estão ocorrendo profundas alterações nas relações econômicas: a revolução tecnológica e a globalização da economia.

pelo mercado, pois isto seria um ato de "soberba" ante os mecanismos insondáveis do mercado, soberba essa que traria consequências econômicas graves no futuro.

Além dessa mudança no "pano de fundo" das discussões econômicas, têm acontecido também grandes modificações no "cotidiano" da economia. Estão ocorrendo no mundo dois processos que contribuem para alterar profundamente as relações econômicas entre países e até dentro das empresas: a revolução tecnológica e a globalização da economia.

Profundas modificações.

Com a revolução tecnológica, a mão-de-obra não-qualificada e, portanto, barata deixou de ser importante na produção. A linha de produção está sendo substituída por equipes de produção, como produção flexibilizada, que exige pouca mão-de-obra qualificada e mais bem remunerada. Soma-se a isso o aumento da concorrência com a globalização da economia e com a abertura do mercado, razão pela qual hoje se fala muito em "Qualidade Total" e em "Reen-



Uma vista impressionante de uma linha de montagem de automóveis no Japão, inteiramente automatizada, com dezenas de robôs substituindo operários.

genharia". Busca-se com esse tipo de programa o aumento da produtividade das empresas; e, para tal, modificam-se a cultura das empresas e suas relações internas. Empresas "modernas" buscam superar a contradição entre escalões superiores da empresa e o "piso da fábrica" — contradição expressa por "eles e nós" — por um novo tipo de relação baseado em espírito de equipe. E para consolidar este espírito de equipe em toda a empresa, está-se discutindo muito sobre "ética na empresa".

Nações tecnologicamente avançadas e setores da economia dos países do Terceiro Mundo que também estão integrados na nova economia mundial precisam cada vez menos dos países e setores tecnologicamente superados (mão-

de-obra não-qualificada, matérias-primas tradicionais e alimentos têm cada vez menos importância e valor na "moderna" economia). Com isso, de uma realidade de dualidade social (por exemplo, dois "brasis", um rico e outro pobre, que mantinham relações econômicas) passamos para uma realidade de "apartação" (dois "brasis" que não têm mais "vasos comunicantes"). Em termos internacionais isso aparece claramente na nova ordem econômica baseada em três pólos (Europa Ocidental, Japão com os Tigres Asiáticos, e Estados Unidos-Canadá) e no "muro" que está sendo erguido em torno dos países ricos contra o que eles chamam de "invasão de imigrantes" pobres ou de "novos bárbaros".

Conhecimento. Por fim, o fator de produção mais importante hoje não é mais, como no paradigma anterior, dinheiro ou máquinas; muito menos terra. O que conta é o conhecimento. Vivemos na sociedade de conhecimento. Um exemplo patente disso é que a grande pressão do governo dos Estados Unidos em relação ao Brasil não é mais em torno da dívida externa, muito menos da garantia da propriedade privada das empresas norte-americanas no Brasil, mas sim em torno da "propriedade intelectual", ou a "lei das patentes".

Neoliberalismo, revolução tecnológica; globalização da economia; o lugar central do conhecimento/tecnologia; e novas relações e processos de produção nas empresas; são facetas do novo paradigma econômico que está sendo criado. As análises, os discursos e as ações políticas que utilizamos por muitos anos na luta em favor da vida digna da maioria empobrecida e marginalizada da América Latina foram gestados no paradigma anterior. Sem dúvida, muito do que fizemos e fazemos ainda tem vigência; mas não podemos ignorar que o mundo está mudando, e muito.

Compromisso. Se queremos que o nosso compromisso com a construção de uma sociedade mais

A eficácia do nosso compromisso com a humanização e a justiça exige a criação de um novo paradigma de pensamento e ação na economia e na prática.

humana e justa tenha mais eficácia, precisamos criar também um novo paradigma de pensamento e de ação no campo da economia e da política a fim de fazermos frente aos novos tempos. O que significa a coragem de abandonarmos as velhas certezas e a lucidez para não cairmos em muitos cantos de sereias, aparentemente críticos, mas que no fundo não passam de mascaramento de teorias a serviço de novas formas de dominação e exploração ou de cinismo, diante de bilhões de pessoas que passam fome.

Esta é uma exigência que nasce de nossas lutas, seja no campo dos movimentos populares, do sindicato, da política partidária ou eclesial. Trata-se de um desafio teórico interdisciplinar fundamental para a continuidade das nossas lutas populares.

@ As mudanças na economia do país já influem na nossa vida cotidiana? Como? Positiva ou negativamente? Exemplos.

@ Quais parecem ser as mudanças mais positivas? E quais as mais ameaçadoras?

@ Como podemos agir para melhor aproveitar os aspectos positivos e combater os aspectos negativos dessas mudanças?

Sobre deuses e rezas

Rubem Alves
Poeta, psicanalista, escritor

Perdida no meio dos viajantes que enchiam o aeroporto, ela era uma figura destoante. A roupa largada, os passos pesados, uma sacola de plástico pendurada numa das mãos – esses sinais diziam que ela já não mais ligava para a sua condição de mulher, não se importava em ser bonita. Pensei mesmo que se tratava de uma freira. Seu comportamento era curioso: dirigia-se às pessoas, falava por alguns momentos, e como não lhe prestassem atenção procurava outras com quem falar. Quando vi que tinha uma Bíblia na mão, compreendi tudo: ela se imaginava possuidora de conhecimentos sobre Deus que os outros não possuíam e tratava de salvar-lhes as almas.

Meu caminho me obrigou a passar perto dela, e, quando olhei para o seu rosto de perto, levei um susto: eu o reconheci de outros tempos, quando era uma moça bonita que ria e brincava e para quem olhávamos com olhares de cobiça.

Não resisti e chamei alto o seu nome. Ela se espantou, olhou-me com um olhar interrogativo, não me reconheceu. Com razão. Os muitos anos deixam suas marcas no rosto.

– Eu sou o Rubem!

Seu rosto se iluminou pela lembrança, sorriu, e pensei que poderíamos nos assentar e conversar sobre as nossas vidas. Mas a preocupação dela com a minha alma não permitia essas perdas de tempo com conversa fiada. E tratou de verificar se o meu passaporte para a eternidade estava em ordem.

– Você continua firme na fé!

Ela afirmou interrogativamente:

– Mas de jeito nenhum, respondi. Então você deixou de ler a Bíblia? Pois lá está dito que Deus é espírito, vento impetuoso que sopra em todo lugar, o mesmo vento que ele soprou dentro da gente para que respirássemos, fôssemos leves e pudéssemos voar. Quem está no vento não pode estar firme. Firmes são as pedras, as tartarugas, as âncoras. Você já viu um papagaio firme? Papagaio firme é papagaio no chão, não voa. Pois eu estou mais é como urubu, lá nas alturas, flutuando ao sabor do imprevisível. Vento Sagrado, sem firmeza alguma, rodando em largos círculos.

Ela ficou perdida, acho que nunca havia ouvido resposta tão estranha. Mudou de tática e tentou

pegar a minha alma do outro lado. Desatou a falar de Deus, informou-me que ele é maravilhoso, etc. etc., como se estivesse no púlpito em celebração de domingo.

Refuguei.

— Acho que quem não está firme em Deus é você — eu disse.

Olha, passei a noite toda respirando, estou respirando desde que acordei, e juro que agora é a primeira vez que penso no ar. Não pensei nem falei no ar porque somos bons amigos. Ele entra e sai do meu corpo quando quer, sem pedir licença. Mas a história seria outra se eu estivesse com asma, os brônquios apertados, o ar sem jeito de entrar, ou, como naquele anúncio amigo do xarope Bromil, o coitado do homem sufocado por uma mordada, gritando pelo ar que lhe faltava. Por via de dúvidas até andaria com uma garrafa de oxigênio na bagagem, para qualquer emergência.

Pois Deus é como o ar. Quando a gente está em boas relações com ele não é preciso falar. Mas quando a gente está atacado de asma, então é preciso ficar gritando por Deus. Do jeito como o asmático invoca o ar. Quem fala com Deus o tempo todo é asmático espiritual. E é por isso que andam sempre com Deus engarrafado em Bíblia e noutros livros e coisas de função parecida. Só que o vento não pode ser engarrafado.

Aí ela viu que minha alma estava perdida mesmo e, como consolo, fez um sinal de adeus e

Não acredito em oração em que a gente fala e Deus escuta. Acredito na oração em que a gente fica quieto para ouvir a voz que se faz ouvir no silêncio.

disse que ira orar muito por mim. Ai eu protestei, implorei que não o fizesse. Disse-lhe que eu tinha medo de que Deus ficasse ofendido. Pois há rezas e orações que são ofensas. Pois é óbvio: se vou lá, bater às portas de Deus, pedindo que ele tenha dó de alguém, eu lhe estou imputando duas imperfeições que, se fosse comigo, me deixariam muito bravo.

Primeiro, estou dizendo que não acredito no amor dele. Deve ser meio fraquinho, sem iniciativa, preguiçoso, à espera do meu cotucão. Se eu não der a minha cotucada, Deus não se mexe. E isso não é coisa de ofender Deus? Segundo, estou sugerindo que Ele deve andar meio esquecido, desmemoriado, necessitando de um secretário que lhe lembre suas obrigações. E trato de, diariamente, apresentar-lhe a sua agenda de trabalho. Mas está lá nos salmos e nos evangelhos que Deus sabe tudo antes que a gente fale qualquer coisa. Ora, se a gente fica no falatório é porque não acredita nisso. Não acredito em oração em que a gente fala e Deus escuta. Acredito mesmo é na oração em

que a gente fica quieto para ouvir a voz que se faz ouvir no meio do silêncio.

— Veja você. Tive um filho que estudava longe. Eu gostava dele. Ele gostava de mim. De vez em quando a gente se falava ao telefone. E o dinheiro da mesada ia sempre, com telefonema ou sem telefonema. Agora imagine: de repente começo a perceber telefonemas dele três vezes por dia e mensagens por sedex, cartas e telegramas louvando o meu amor; agradecendo a minha generosidade... Você acha que isso me faria feliz? De jeito nenhum. Concluiria que o meu pobre filho havia endoidecido e estava acometido de um terrível medo de que eu o abandonasse. Pois é assim mesmo com Deus: quem fica o dia inteiro atrás dele, com falatório, é porque desconfia dele.

Mas o pior é o gosto estético que assim se imputa a Deus. Uma pessoa que gosta de passar o dia inteiro ouvindo os outros repetindo as mesmas coisas, as mesmas palavras, as mesmas rezas, pela eternidade afora, não deve ser muito boa da cabeça. Pra mim isso é o inferno. Quem reza demais acha que Deus não funciona bem da cabeça. Acho que ele ficaria mais feliz se, em vez do meu falatório, eu lhe oferecesse uma sonata de Mozart ou um poema de Adélia...

Mas aí o alto-falante chamou o meu vô, tive de me despedir, e imagino que ela ficou aflita, temerosa de que Deus derrubasse meu avião com um raio. Mal sabia ela que Deus nem mesmo havia ouvido a nossa conversa pois, cansado das doidices dos adultos, ele foge sempre que vê dois deles conversando e se esconde deles, disfarçado de criança.

Do lado dos doentes

Dom Lucas Moreira Neves
Cardeal-Arcebispo de Salvador

Se eu procurar, decerto encontro nos apontamentos dos meus velhos tempos romanos o eco de uma inesquecível experiência. Fazem dez anos, a 11 de fevereiro de 1984, sem que ninguém soubesse ou esperasse, João Paulo II publicou uma "carta apostólica" sobre "o sentido cristão do sofrimento humano". O documento é conhecido, desde então, pelas duas primeiras palavras do texto: "*Salvifici doloris*" (A dor que salva).

Ora, nove anos antes (9 de maio de 1975), Paulo VI havia publicado outra "carta apostólica" intitulada "*Gaudete in Domino*" (Alegrem-se no Senhor) e o tema era "a alegria cristã".

Mais do que o conteúdo, inquestionavelmente belo, rico e profundo dos dois documentos, emocionou-me, no mais íntimo de mim, o contraste que percebi e focalizei. O velho papa, que venerei, torturado pela artrose, consumido pela idade, psíquica e moralmente atormentado pelas graves crises da Igreja no imediato pós-Concílio, escreve, como testamento, um hino à alegria. Enquanto isso, um papa na força da idade, esportivo, **globe-trotter**, vendendo saúde, nos surpreendia a todos com

uma longa, densa e sofrida meditação sobre a dor humana.

Pois foi o mesmo João Paulo II quem, feita agora a experiência da doença, há um ano instituiu o dia 11 de fevereiro, festa de Nossa Senhora de Lourdes, como o **Dia Mundial do Doente**. Para a segunda comemoração deste dia, o papa acaba de publicar uma mensagem dirigida "aos que trazem no corpo e no espírito os estigmas do sofrimento hu-

mano", especialmente dos doentes. Ele quer dizer-lhes, outra vez, que a dor pode ser salvífica, que o sofrimento não é absurdo nem desprovido de sentido. Que é possível dar a tribulações humanamente devastadoras um sentido cristão.

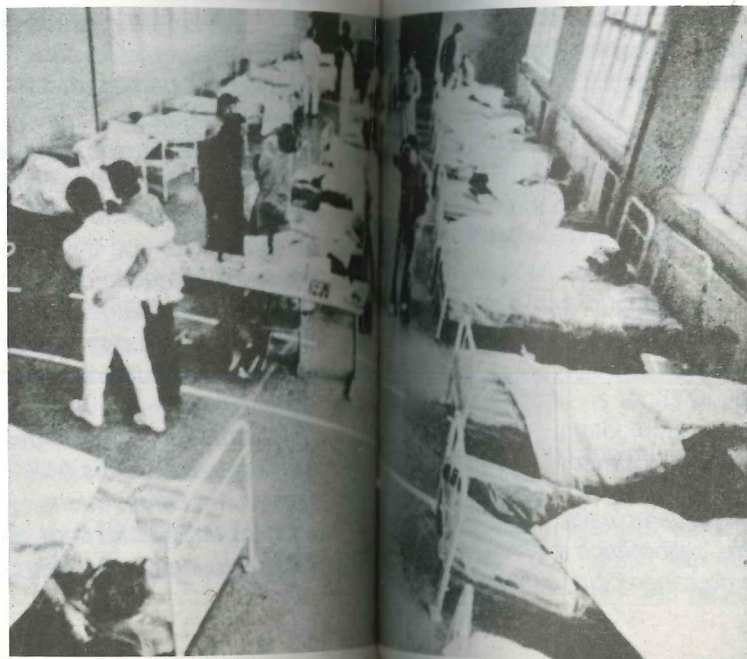
Não condiz com o espírito da Igreja nem com a personalidade de João Paulo II estabelecer um dia — das Missões, que seja, ou das vocações ou do doente — para a mera celebração. Nem mesmo (o que já seria significativo) para a simples oração. No **Dia do Doente** há certamente um aspecto de interpelação. Não me custa dizer, mesmo: de provocação. Interpreto o gesto do papa como um desafio evangélico e humanitário lançado à Igreja e à sociedade: Para vocês o doente é alguém? Quem é? Ele serve para algo? Para quê? Ele conta? Como conta? Só à luz das respostas dadas a tais questionamentos se pode res-

O lugar do doente numa sociedade depende dos valores que essa sociedade considera essenciais.

ponder também à pergunta fundamental: Que se **pode**, que se **deve** fazer pelo doente?

Vejo claramente que o lugar do doente numa sociedade depende basicamente — e irremediavelmente — dos valores que essa sociedade considera essenciais e que ela assume como seus valores constitutivos. São valores ligados a um **humanismo integral**, ao personalismo? Ou valores individualistas e egocêntricos? São valores ético-morais, espirituais, religiosos? Ou materiais? Valores eternos ou estritamente temporais? Não é nada difícil constatar e compreender como e por que na cultura predominante em grande parte, na parte mais influente e mais evidente da sociedade contemporânea, é escasso e irrelevante o lugar do doente. Como o é o dos pobres e dos pequenos, dos velhos, dos embriões e dos fetos. Chega a haver até nesta sociedade os que, por não acharem lugar, se chamam, com termos fortes, **sobrantes ou excluídos**.

Três características da nossa sociedade parecem-me torná-la pouco **empática**, para não dizer insensível e até infensa aos doentes. Primeira característica, a da **eficiência máxima** e a qualquer custo, da pro-



atividade, da concorrência e da competitividade: para uma sociedade deste tipo, o doente (como a criança, o deficiente ou o idoso) não é interessante, pois, não só não é uma força produtiva e propulsora, mas é um peso morto. Segunda característica, bem próxima da primeira: a nossa é uma sociedade baseada infinitamente mais na **racionalidade, na lógica pura, no cálculo** do que no **amor** e nos valores decorrentes do amor, como sejam o **serviço, a solidariedade, a compaixão e a ajuda:** ora, o préstimo de que o doente mais precisa são doses maciças de amor. O equipamento mais informatizado, o atendimento mais sofisticado, se faltar um mínimo de amor, não consola nem conforta o doente – talvez nem lhe traga a cura. A terceira característica é que vivemos nesta nossa sociedade pós-moderna uma triste e nefanda **cultura da morte** manifestada sob tantas formas. Ora, não se dedica ao doente quem não o ama e não ama nele sua vida ameaçada, reduzida, talvez, a um resto – uma

@ Como são tratados os doentes na nossa sociedade? Há uma política de saúde efetiva?

@ Como atendemos aos doentes que nos cercam? Tratamento, visitas, formas de apoio?



"Creio no celibato e na virgindade, livremente assumidos como uma oblação evangélica. Como pobreza no Espírito. Como uma força cristã: de testemunho escatológico, por um lado, e de disponibilidade eclesial, por outro. Penso, entretanto, que, no futuro, haverá sacerdotes celibatários e sacerdotes casados. Para o bem do celibato. E para o bem do sacerdócio ministerial".

(D. Pedro Casaldáliga)

O que o doente mais precisa são doses maciças de amor, solidariedade e compaixão.

réstea – prestes a se consumir. O doente não confia e não se entrega à ciência ou à técnica, mas, a pessoas capazes de se entregar a ele.

A visão cristã do doente, se bem assimilada, é capaz de dar à sociedade o que lhe falta para que ela saiba cuidar dos seus doentes. Esta visão cristã vem de um Jesus que realizou plenamente em si a profecia do servo sofredor, segundo Isaías. Que passou "fazendo o bem e curando os enfermos", segundo At 10,38. Que, na Sua agonia, paixão e cruz, tomou sobre Si as nossas enfermidades. E que, falando dos doentes, no famoso cap. 15 do evangelho de Mateus, disse, não "o doente se parece Comigo", mas, "o doente estou Eu".

A bondade

Alceu Amoroso Lima

Nessa mina inesgotável das pepitas de bem viver, que são as Epístolas de São Paulo, encontramos a bondade como indissolivelmente ligada à justiça e à verdade: "Andai como filhos da Luz, pois os frutos da luz consistem em toda a bondade, a justiça e a verdade" (Ef 5, 8-9). A Luz é a Palavra de Deus e seus frutos o que nela está contido de bom nas virtudes originais da natureza humana, pois esta não é nem essencialmente boa, como queria Rousseau, nem intrinsecamente má como pensava Hobbes. É originariamente boa e má. A bondade é uma virtude original, como o mal é um pecado original. A natureza é bifronte. E a suma dignidade do ser humano, expressa pelo dom supremo da liberdade, é precisamente a responsabilidade da opção. Não basta viver para ser livre e responsável. É preciso sofrer o peso das opções e a dificuldade das escolhas. É o que distingue a condição humana, a despeito de todos os laços biológicos e mesmo intelectuais que a ligam a todos os animais, o que faz a superioridade do homem é viver na encruzilhada e sofrer na escolha de um dos dois caminhos centrais e as miríades das picadas

intermediárias, entre o ser, o dever e o poder. Os caminhos do ser, isto é, da verdade, temos de encontrá-los e percorrê-los pelas mãos da filosofia, da ciência e da religião. Os caminhos do dever, pela luz da vida moral. Os caminhos do poder, isto é, da autoridade, pela sabedoria do coração, a *sapientia cordis*. Entre eles é que encontramos essa flor do ser, do dever e do poder, que é a mais desarmada de todas as virtudes, a *bondade*. Irmã da humanidade e prima da discórdia, a força da bondade está na sua fraqueza. Esse paradoxo que São Paulo colocou na base de todas as virtudes distingue a força da violência, a ordem da opressão e supera o saber pela sapiência. A vida moral está cheia desses desvios secretos, dessas picadas misteriosas que distinguem os caminhos qualitativos dos quantitativos e fazem com que o imprevisto seja a lei suprema da História, como lembrava Chesterton. E a nossa experiência de homens modernos o confirma. Durante o século XIX, no ápice do cientificismo, o grande orgulho da Ciência, com C maiúsculo, era passar de um saber sobre dados do passado e do presente, isto é, do

Ser estratificado e estático, ao ser futuro. Ao domínio da previsão. Dos futuríveis. Uma das grandes conquistas da ciência moderna mais autêntica foi passar da lógica à logística, da psicologia à caracterologia, do determinismo ao indeterminismo, em suma, de verificar, como dizia Tomás de Aquino, "que a vida transborda do conceito", ou, como dizia Shakespeare, que há no mundo muito mais fatos do que os que pode conter a nossa vã filosofia. Tudo isso é que constitui um progresso autêntico das ciências ou das filosofias na busca da verdade, mais do que tudo que possa ser alcançado no plano do domínio sobre as forças naturais.

Quando São Paulo coloca a bondade como inseparável da justiça e da verdade, ele nos mostra a bondade como incompatível com a iniquidade e a mentira. Ou com todo conceito hipertrofiado ou distorcido da justiça e da verdade. Inclusive nas ilusões da futurologia, que os economistas modernos, ensinados pela experiência de nossas desilusões, de converter hipóteses em certezas, estão abandonando.

Mas como já nos dizendo, a bondade é uma virtude humilde, incompatível com a ênfase, a iniquidade, a mentira, e intimamente unida ao bom senso e à intuição. Ora, o homem e sua intuição constituem o próprio mundo do empirismo mais simples, como da cultura mais requintada. Só os verdadeiros sábios sabem que não sabem, como a verdadeira cultura é a que fica em nós do que

A bondade é inseparável da justiça e da verdade, incompatível com a iniquidade e a mentira.

esquecemos e não no que nos arrogamos de saber. A bondade é a própria negação da arrogância. E por isso mesmo é uma virtude das verdadeiras elites e do verdadeiro povo que não se deixa alienar pela sua conversão em massas autoritariamente manejadas e escravizadas por falsas elites.

Como força dos fracos, dos simples e dos requintados, a bondade é incompatível com a injustiça e a intolerância dos "donos da verdade", dos que se arrogam como privilegiados pelo saber e pela posição social. Sua aliança natural com a justiça e com a verdade é talvez o caminho mais espontâneo e eficaz para essa aproximação entre elites e massas, que costumamos chamar de elitização das massas e massificação das elites, que a verdadeira democracia deve tentar, para impedir que o socialismo em marcha se deixe, como está se deixando, corromper pelo capitalismo decadente nesta fase de transição de séculos que estamos vivendo.

A bondade, portanto, longe de ser um fruto da ignorância é a própria semente da sabedoria, que

deve ser o fruto supremo do saber. Essa luz de que fala São Paulo. Ninguém desconhece a sabedoria empírica dos simples, por estarem mais vizinhos da natureza e menos sujeitos ao orgulho e à vaidade, fonte de todos os pecados, quando desligados dessas virtudes naturais que, longe de serem incompatíveis com a ignorância, ainda estão isentas do pedantismo da arrogância que tão facilmente corrompe o verdadeiro saber.

A cultura só é um bem quando impregnada da bondade. A autoridade só é criadora da ordem, quando unida à bondade. A religião só não se converte em fanatismo quando pratica o bem. A filosofia só não se torna um simples jogo de conceitos abstratos, quando se encarna em atos benéficos. A própria arte, para que não seja um vão esteticismo, deve tocar o coração e o gosto empírico do povo. E as massas, para não se deixarem corromper pela explosão natural da violência, como protesto contra as injustiças desumanas, não podem faltar ao dever inato de saber perdoar e respeitar os direitos do próximo e fraternizar com o adversário da véspera. A bondade não é apenas um dom espontâneo do temperamento. É um dever imperativo de toda educação e de toda cultura, para impedir a desumanização do ser humano, pelo progresso material, pela vaidade do saber e, acima de tudo, pelo poder corruptivo do hábito do erro, da opressão e da mentira.

Há virtudes solares, como a criatividade e a franqueza. E

A cultura só é um bem quando impregnada de bondade, a religião só não se converte em fanatismo quando pratica o bem.

virtudes noturnas. A bondade pertence a essa segunda categoria. A do silêncio, da modéstia, do retraimento, da mansidão, do servir com amor e sem contar com a própria gratidão. Esse horror instintivo a todo exibicionismo é que faz, sem dúvida, o seu maior encanto. É uma flor da sombra e do silêncio que explica não só a sua sedução inata, mas a força invencível do seu poder. Nesse mundo de paradoxos que constituem como que a trama viva do mistério cristão, a bondade é, sem dúvida, a expressão mais perfeita da sabedoria e do ideal da alegria para os lares mais unidos e amantes. Ao mesmo tempo representa a contradição mais patente com tudo o que se lê nos jornais ou se vê nas telas luminosas de nossa existência cotidiana. A alegria de bem viver, especialmente nos lares mais humildes e em todos os corações que não deixaram apagar em si o calor insubstituível das afeições e dos ideais mais puros e mais simples. Essa alegria humana da bondade pede tão pouco. Pede apenas o direito de viver livremente. E de devolver ao homem a alegria da paz, com um pouco de

carinho e de lazer. E, no entanto, até isso não lhe é permitido, tal a aridez incompreensível e o fragor das cifras que se chocam e as ameaças da miséria e da brutalidade, que se engalfinham em torno de nós. Essa penúria da humildade, virtude da bondade, substituída pela aspereza do ganho, pelo choque das armas, e pela ânsia do poder, talvez sejam os vermes mais insidiosos que corroem as entranhas de uma civilização alucinada pelos desperdícios de seu próprio progresso.

E, no entanto, não há outro alimento para a fome das massas desnutridas e a sociedade das elites superalimentadas do que esse "milk of human kindness", esse leite da ternura humana, que o Poeta colocou no ápice de sua cordilheira lírica.

Para terminar, vou contar um sonho que tive esta noite. Um sonho autêntico e não inventado

@ O que mais nos sensibilizou na leitura deste artigo?

@ Como podemos vivenciar a bondade na nossa vida cotidiana?

@ Como transmitir aos nossos filhos e amigos essa disposição de vivenciar a bondade de maneira sempre mais plena?

@ A nossa fé e a prática religiosa predispõem sempre à vivência da bondade? Ou às vezes nos dividem? Como? Por que? Exemplos.

Leia e assine

Tempo e Presença

a esplêndida revista editada por

Koinonia Presença Ecumênica de Serviço

Rua Santo Amaro, 129 Glória - 22211-230 Rio de Janeiro - RJ
Tel.(021) 224-6713 - Fax (021) 221-3016

Assinatura anual: R\$ 15,00

Não há outro alimento para a fome das massas desnutridas e das elites superalimentadas que esse leite da ternura humana.

para fecho desta crônica. Cheguei a um povoado onde me haviam dito que morava a Bondade. Perguntei a várias pessoas, se era verdade. "Quero falar com ela". Respondiam invariavelmente: "Passou hoje mesmo por minha casa. Deixou um presente e sumiu". Falei afinal com um velhinho: "É mesmo exato que a Bondade mora aqui?" "É, sim, senhor". "Pois eu quero falar com ela e não consigo". O velhinho me respondeu: "Pois então o senhor não sabe que ela é invisível?" Autêntico.

Infalibilidade papal: questão ainda confusa para muitos... após 125 anos

Itamar Bonfatti

Ex-Presidente Nacional MFC

O Concílio de Trento (1545-1563) aconteceu trezentos anos antes. De lá até a eleição do Papa Pio IX (1846) a situação política — com ela também todo o mapa da Europa — havia se modificado bastante. Além da Reforma Protestante que provocara reações e alterações em cadeia no Velho Mundo viria depois o iluminismo do séc. XVIII seguido de idéias e ideologias novas. Mais tarde dois fatos importantíssimos balançaram o ocidente: a **revolução norte-americana** (1776) proclamando que todo o **poder vem do povo** e a **revolução francesa** (1789) botando abaixo os privilégios da nobreza e do clero com natural ascensão da classe burguesa. No início do século seguinte as colônias européias na América Latina rompiam com as suas metrópoles e saía para as ruas de Bruxelas o **Manifesto Comunista** (1848). A Revolução Industrial já havia começado e com ela as suas consequências sócio-econômicas. Estava clara a necessidade de se convocar os Bispos para reunião conciliar porque a Igreja, enquanto **instituição**, necessitava repensar certas questões para ter ídolo e entrar no séc. XX que se

avizinhava naquela altura. Então, mesmo com um grupo de cardeais se opondo à idéia, o papa Pio IX através da Bula Papal **Aeterni Patris** (1868) convocou o **Concílio Ecumênico Vaticano I** tendo o mesmo se iniciado no ano seguinte àquela convocação.

Enquanto instituição, retornando ao que foi dito anteriormente, a Igreja Histórica não poderia deixar de sofrer efeitos dos acontecimentos antes mencionados, entre eles a discussão ao redor da **Autoridade Papal**, aliás já várias vezes argüida dentro até de plenários conciliares, sem poder ficar esquecidos desentendimentos como aquele acontecido no Concílio de Pisa (1409) quando em dado momento a Igreja chegou a ter ao mesmo tempo três papas eleitos! Não foi por acaso que tempos depois no Concílio de Florença (1431-1442) foi reconhecido e aceito o **Primado do Papa** vendo nele o sucessor de Pedro, primeiro entre os seus irmãos de episcopado — o "primus inter pares" — a quem foi entregue o pastoreio e o governo da Igreja conforme havia sido prometido por Jesus (cf. Mt. 16, 18 ss).

Não poderia ser omitida aqui também a delicada e dolorosa

questão diplomática criada por Felipe, o Belo, com o Papa Bonifácio VIII (1303). Como se sabe o Rei de França chamou a si o direito de nomear os bispos franceses rebelando-se contra o Vaticano criando uma igreja nacional contra a autoridade do Papa. Pior aconteceu em seguida: os reis vizinhos passaram a imitar Felipe provocando tensão insustentável! Aos barrancos e trancos tal situação foi sendo contornada e somente após meio século conseguiu-se condenar e sepultar oficialmente o **Galicanismo** — assim se chamava a dita rebelião do rei de França no séc. XV — no plenário do Concílio Vaticano I em 1869!

Naquele clima de Europa era inevitável que as questões pertinentes ao **Primado** e a **Autoridade Papal** se desdobrassem, acabando por colocar em pauta conciliar a questão da **infalibilidade papal**, chegando a se formarem duas correntes ao redor do polêmico tema do plenário, tema esse que já havia tomado conta das discussões por toda a Europa antes da abertura do Concílio: os falibilistas, contra a infalibilidade papal e os infalibilistas favoráveis à mesma. Após longos debates e discussões acirradas, não obstante o sigilo exigido, as notícias vazaram, a **infalibilidade** acabou vencendo por maioria esmagadora: dos 642 bispos conciliares presentes, 552 votos disseram **ser o Papa infalível**, ao pronunciar verdades da Fé em nome da Igreja Universal, e falando **ex-cathedra**.

Certos setores da Igreja invocavam a infalibilidade indevidamente para impor idéias às consciências ingênuas e desinformadas.

Tal prerrogativa tem sido raramente invocada. Basta dizer que aprovada pelo Concílio Vat. I (1869), somente em 1950 aconteceu o primeiro e único pronunciamento papal **ex-cathedra**. Foi quando o Papa Pio XII proclamou solenemente o Dogma da Assunção de Nossa Senhora.

Lamentavelmente aconteceu em passado não muito distante — sobretudo quando teve início a "romanização" da Igreja após o Concílio Vaticano I, fato historicamente compreensível se voltarmos àquela época; muita manipulação ao redor da infalibilidade papal. Não poucas vezes, certos setores da Igreja quando desejavam impor situações e idéias às consciências ingênuas e desinformadas, invocavam uma infalibilidade em situações onde a mesma além de não existir nem mesmo cabia. Por isto não poucas vezes a "vontade de Deus" foi identificada com formas institucionalizadas de autoridade e a expressão "**Roma locuta causa finita**", isto é "Roma falou a questão está definida, assunto encerrado" foi durante muito tempo modo autoritário e cômodo de se

Ainda resta muita confusão na cabeça de muitos e preconceitos descabidos na cabeça de tantos.

encerrar uma discussão dentro da Igreja. Aliás um detalhe muito pouco conhecido: a expressão original "Roma locuta" não tem nada a ver com a transcrita acima e tão ouvida. É de Sto. Agostinho (354-430) que realmente disse: "**Roma locuta est; utinam etiam finiatur et error**". Traduzindo: "Roma falou; tomara que agora se acabe também o erro". Bem diferente de manipulação que chegou até nós!

Com o tempo tais contradições não resistiram à transparência da História da Igreja de Deus que "em toda sua beleza perfeita, sem ruga ou qualquer defeito" (Fi 5,27) se contrapôs às limitações da Igreja Histórica cheia daquilo que se costuma chamar de "bugigangas



do Reino" muito próprias da santa e pecadora Igreja dos Homens. Contudo resta assim muita confusão na cabeça de muitos e preconceitos descabidos na cabeça de tantos. Uma pena!

Fonte: JEDIN, Hubert (1961) Concílios Ecumênicos. Ed. Herder, S. P.

Ⓢ As informações apresentadas neste trabalho são esclarecedoras? Já as conhecíamos? Trazem alguma novidade? Exemplos.

Ⓢ Divergências teológicas ou doutrinárias na vida da Igreja são perigosas para a fé dos cristãos? São lícitas? Podem ser construtivas? Têm provocado mudanças? Exemplos.

Ⓢ Como nos parecem as punições usadas pela Igreja, no passado para silenciar divergências? O que conhecemos a respeito na história? E hoje?



"A função do tempo é convencer-nos de que nada é bem assim".

(L.F. Veríssimo)

O cenário para a humanização

Helio e Selma Amorim
Editores de Fato e Razão

Por que o mundo moderno tomou essa feição desumanizadora e excludente e torna tão difíceis as mudanças urgentes que os cristãos inquietos perseguem com paixão?

Lemos nos livros e vemos nos filmes que no passado as coisas não eram melhores. Os mecanismos de desumanização são denunciados pelos profetas em diferentes épocas e lugares. Jesus foi condenado à morte por se opor e denunciar com firmeza esses mecanismos de opressão e exclusão social. Ao longo da história, nesses dois milênios, não foi diferente.

Mas pode e há de ser diferente no futuro. A humanização é possível. O Reino nos foi prometido, como dom gratuito de Deus, que não prescinde da cooperação dos cristãos e de todos os homens de boa vontade. Essa é a diferença entre o ânimo dos cristãos e o dos não-crentes. Os cristãos sabem que a justiça e o amor prevalecerão no final, pela promessa da irrupção do Reino, "aqui na terra, como no céu". O homem sem fé, às vezes com mais coragem e desapego que o cristão, é também capaz de dar a

vida por esse ideal, mas não tem a certeza da vitória final.

Para saber mover-se nesse cenário em que pretende interferir para transformar, o cristão deve refletir sobre as origens e a natureza daqueles mecanismos de desumanização presentes e atuantes no mundo moderno, em que nos é dado viver. São um legado das gerações que nos precederam, na medida em que se afastaram do projeto de Deus, e que pouco fez a nossa própria geração para transformar.

1. O mundo moderno: luzes e sombras

É verdade que o mundo moderno, muito mais que as sociedades antigas, agrícolas, pré-industriais, oferece fantásticas oportunidades de realização pessoal, melhor qualidade de vida, condições magníficas de socialização, comunicação e relacionamento interpessoal, com seus avanços técnicos e científicos até há pouco tempo inimagináveis.

que se traduzem em maior conforto, higiene, saúde, bem-estar, lazer, acesso à educação e à cultura, através dos onipresentes meios de comunicação de massa, e tantos outros benefícios da civilização e do progresso.

O problema é que tais benefícios têm acesso cada vez mais restrito a uma parcela menor da população e estão distribuídos de maneira extremamente desigual entre as nações. O modelo econômico que vem sendo imposto ao mundo é concentrador de riquezas e benefícios, condenando a maioria à desumanização por mecanismos de exclusão intoleráveis.

Assim, no mundo moderno, tornam-se mais evidentes as sombras que as luzes. Assistimos assombrados ao consumismo desvairado, combinado com a conseqüente predação da natureza. Vemos a crescente sofisticação de mecanismos sociais, políticos, econômicos, culturais e até mesmo religiosos que levam à desumanização.

Esses mecanismos, que será necessário desmascarar, são manipulados

pelos que detêm o poder em cada uma dessas áreas, para manterem a situação de privilégio de que desfrutam.

Alguns desses mecanismos, já anteriormente referidos, são especialmente perversos e eficientes. Servem para exercer estrito controle sobre as tentativas de contestação aos sistemas de poder, para que, localizados, sejam imediatamente dissuadidos ou cooptados. Ou usados na repressão, sob forma de ameaças, intimidações e punições contra aqueles que pretendam ir mais longe no seu profetismo denunciador. Os mecanismos mais "inocentes" e mesmo divertidos, vale a pena insistir, são os de alienação, contra a tentação do desenvolvimento da consciência crítica. Assim se atenuam revoltas e

O acesso aos benefícios do progresso é cada vez mais restrito a uma pequena parcela da população.



O modelo econômico que vem sendo imposto ao mundo é concentrador de riquezas e benefícios, condenando a maioria à desumanização por mecanismos intoleráveis de exclusão social.

os ânimos mais exaltados se acalmam, o revolucionário distraído se torna cidadão conformado com a sua sorte e... a vida continua.

2. O surgimento do mundo moderno.

Todas essas sombras marcaram, com outra roupagem, as sociedades do passado. Mas parecem ter-se agravado com o surgimento da modernidade.

O mundo moderno surge das transformações no modo de produção e na vida econômica, ao mesmo tempo em que se desenvolve uma nova visão do homem e do mundo. Na sociedade antiga-tradicional-agrícola o mundo é contemplado e imitado. O homem segue o ritmo, os ciclos e as leis da natureza, as estações e tempos de semear e colher, curva-se ao determinismo dos fenômenos naturais e a eles conforma a sua vida.

Com o surgimento da ciência experimental, ou seja, da capacidade que o homem vai começando a desenvolver de realizar experiências repetíveis que levam à descoberta de possibilidades de interferir sobre as leis da natureza, percebe-se que o mundo e a natureza podem ser transformados pela ciência, pela técnica, pela racionalidade. O homem se descobre como sujeito da construção do mundo. Começa o mundo moderno.

A ciência experimental conduz à invenção da máquina,

Mecanismos de alienação e controle social são usados para impedir transformações sociais.

inicialmente a máquina a vapor. O artesão passa a ser operador de máquinas capazes de multiplicar assombrosamente a sua capacidade de produção. Surge a fábrica, espaço em que se concentram e integram diferentes máquinas adequadas aos cada vez mais complexos processos produtivos. Esboça-se a revolução industrial. Mudam as relações de trabalho. Há o dono das máquinas e os operadores. O artesão e o camponês de antes são agora operários assalariados. Multiplicam-se as fábricas, que se vão construindo próximas umas das outras para racionalizar a produção. A industrialização produz, assim, o fenômeno da urbanização. Surgem e crescem as cidades. A urbanização gera o fenômeno da mobilidade física e social. Famílias se deslocam dos campos para as cidades em que se instalam fábricas e se oferecem empregos. Desagregam-se famílias de tipo patriarcal-rural à medida em que os mais jovens já não se conformam em permanecer integrados na vida e trabalho familiares ligados à propriedade rural dos mais velhos e se deslocam para as cidades, que lhes oferecem oportunidades de ascensão social. Essa mobilidade social é uma realidade para muitos, reforçando o apelo ao êxodo rural.



Num primeiro momento da revolução industrial, a estrutura de produção, centrada na fábrica, assume um forte dinamismo, com grande aumento de produção e distribuição de bens, fazendo prever um futuro melhor para a humanidade.

Num primeiro momento, a estrutura de produção assume um forte dinamismo, com grande aumento de produção e distribuição de bens. Não é mais o trabalho para subsistência da própria família ou pequena comunidade mas a produção de bens em larga escala para o mercado, ou seja, para serem oferecidos a grande número de consumidores. Prevê-se um futuro melhor para a humanidade.

Logo a sociedade se reestrutura de forma global, para ajustar-se ao processo de industrialização, a serviço do progresso. Definem-se novas classes e categorias sociais: os

A industrialização gerou a desagregação da família patriarcal extensa: os mais jovens se deslocaram para as cidades que cresciam em torno das fábricas.

donos do capital, os tecnocratas, os trabalhadores assalariados.

O funcionamento das indústrias consome sempre mais energia. As fontes dessa energia são, basicamente, o carvão e o petróleo, recursos da natureza não renováveis. O crescimento econômico é acelerado. Introduzem-se nas fábricas as "linhas de montagem", para a produção em massa de bens padronizados mais baratos. Criam-se sistemas de distribuição e comercialização da produção. Surge a necessidade de informar e divulgar produtos aos consumidores. A propaganda passa a ser um recurso indispensável para a venda de produtos em larga escala.

A fábrica assume crescente importância. Tudo gira a seu redor. Torna-se modelo para outras instituições, como as escolas, os hospitais e outras organizações da sociedade, com seus gerentes e administradores de pessoal, diretorias e departamentos para cada setor de atividades. A fábrica produz e define a formação,

urbanização e expansão das cidades onde devem viver os que dela dependem.

Começa a competição industrial. Diferentes organizações produzem uma mesma linha de produtos, para atender à demanda e obter lucros. Para competir e vender será necessário oferecer vantagens de qualidade e preço aos consumidores. A concorrência de preços leva à compressão dos salários. Surgem os conflitos entre patrões e empregados, entre produtores e consumidores. Os consumidores são também trabalhadores assalariados, que querem melhores salários mas, ao mesmo tempo, produtos mais baratos. A tensão se instala. O liberalismo econômico é proposto, no século XVIII, como a chave para o equilíbrio de interesses em jogo. O mercado seria o fator desse equilíbrio. A livre concorrência levaria ao preço e ao salário justos, sujeitando-se às imposições da lei da oferta e da procura de produtos de consumo.

A teoria não se concretiza na prática. Formam-se monopólios, oligopólios, cartéis, pratica-se a concorrência desleal para arruinar o competidor e dominar mercados, inventam-se mil maneiras de burlar o sonho do capitalismo liberal. O homem passa a ser considerado um instrumento de produção e o trabalho humano uma mercadoria. Manipula-se o mercado de trabalho, criando-se uma reserva expressiva e permanente de trabalhadores desempregados, dispostos a aceitar os baixos salários que lhes são oferecidos, sob pena de

No início da revolução industrial se previa um futuro melhor para a humanidade, pelo crescimento da produção de bens.

permanecerem desempregados. Assim, o trabalhador empregado compreende que não deve reivindicar salários mais justos, pela ameaça sempre presente de demissão e substituição pelos que formam essa reserva de desempregados conformados. Mas desmascara a perversidade imanente desse sistema que, mais tarde, João Paulo II descreve e critica com extrema lucidez, na sua "Laborem Exercens".

Em nossos tempos assistimos perplexos à evolução desse modelo econômico liberal, que gerou um espantoso desenvolvimento tecnológico, alimentado, entretanto, pela competição desvairada por mercados. Essa competição hoje já é possível através da informatização, da automação, da robotização, da racionalização, neurotizante dos processos produtivos, cujo objetivo é a redução dos custos de mão-de-obra, com a substituição de homens por máquinas, robôs e computadores. O resultado são as taxas assustadoras de desemprego no mundo, com tendência a crescerem na mesma velocidade dos cada vez mais rápidos avanços tecnológicos.



Com a crescente industrialização, a oferta de bens se diversifica, o comércio cresce e surgem lojas e armazéns que desenvolvem técnicas novas de oferta de seus produtos, com recurso à propaganda e mediante a competição de preços.

do progresso e dos excluídos, cidadãos de primeira e de segunda classe.

Os tratamentos serão diferentes para uns e outros. As regras favorecerão os que as fazem. A justiça será severa com uns e tolerante com outros. As prisões ficarão cheias de uns e os advogados livrarão os outros desses dissabores. As mortes e desgraças de uns passarão despercebidas e de outros cobrirão as páginas dos jornais. Uns terão condições favoráveis à humanização. Outros viverão em condições desumanas e desumanizantes.

As profundas diferenças entre classes sociais são a raiz evidente da violência crescente, no mundo moderno. Os que se vêem excluídos dos benefícios do progresso, condenados à miséria e

O sonho do capitalismo não se concretiza na prática, desfeito por cartéis e oligopólios, e pela desvalorização do trabalho humano.

privados dos direitos da cidadania revoltam-se, com justa razão, frente à exibição dos privilégios das classes mais favorecidas. Para muitos, o recurso à violência surge como uma saída possível para romper a relação desumanizadora e conflitiva de dominação-dependência.

O mesmo acontece nas relações entre nações. São economicamente dependentes os países que fornecem produtos primários e mão-de-obra barata e compram produtos industrializados e tecnologias avançadas. São pobres e assim permanecerão. A dependência econômica conduz à dependência cultural e política. Destroem-se ou desfiguram-se culturas, suprimem-se as autonomias nacionais. Os sete países mais ricos determinam como devem ser o mundo, as relações entre as nações, e os modelos econômicos e políticos aceitáveis, sob pena de embargos econômicos, intervenções políticas e, se necessário, militares.

As relações de mercado, pelas quais as coisas têm seu preço e tudo é objeto de uma possível negociação em que se busca levar alguma vantagem, conduzem à comercialização nas relações humanas. Não há mais lugar para a gratuidade. Todo gesto, atitude ou comportamento será objeto de negociação e troca, com o maior retorno possível. O amor-serviço desinteressado, humanizador e gratuito não combina com as práticas comerciais do cotidiano.

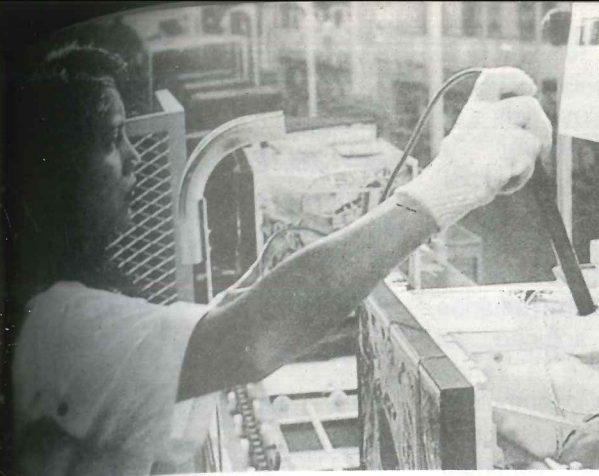
A pessoa humana é cada

O modelo econômico que se está impondo consolida relações de dominação e dependência entre classes sociais e nações

vez mais considerada como indivíduo autônomo, desvinculado do seu grupo social, comunidade e família. Essa desvinculação alimenta o individualismo, o subjetivismo, a socialização que humaniza resulta falsificada.

O progresso é divinizado. Justifica a dominação de povos, a supressão da liberdade e o domínio da natureza, que descamba para a sua predação suicida. O consumo desenfreado de recursos naturais não-renováveis e a queima de combustíveis poluentes em escala ciclópica ameaçam a sobrevivência das futuras gerações. São desvalorizadas todas as coisas que não se medem pelas leis do progresso técnico-científico, como a fé, a religiosidade, o espaço simbólico.

A educação é subordinada às exigências e necessidades do progresso. A formação escolar estimulará o desenvolvimento de qualidades úteis ao bom desempenho futuro nas atividades produtivas: a pontualidade, a obediência a comandos, a capacidade de ações repetitivas. É chamado "currículo encoberto" a vocação das pessoas e o impulso humanizador de realização da



O ingresso da mulher no mercado de trabalho parte da necessidade perversa de maior achatamento salarial e introduz variáveis novas nas relações sociais e familiares.

próprias potencialidades, deverão subordinar-se à atividade produtiva. A família desestimulará a realização da vocação do filho se ela conduz a atividades não produtivas e, portanto, mal remuneradas. O binômio competitividade-produtividade que está na base do liberalismo econômico induz à competição permanente entre as pessoas no mundo do trabalho, nas relações sociais em geral e mesmo nas relações familiares. Inconscientemente, todos tendem mais a relações de competição que às de cooperação e solidariedade. A valorização da produtividade leva ao desprezo pelos que não produzem. Os idosos, os deficientes físicos e os inválidos se tornam pesos incômodos. Tornam-se zeros sociais que se tratará de arquivar e esquecer.

O ingresso da mulher no mercado de trabalho também introduz variáveis novas nas relações sociais e familiares, até hoje ainda mal equacionadas. O machismo permanece nas

discriminações entre sexos quanto a remunerações e possibilidades de acesso às estruturas de poder da sociedade, nas quais a eventual presença de mulheres ainda causa simpática admiração. Entretanto, predominam as luzes sobre as sombras na promoção social da mulher, no mundo moderno, pelo que favoreceu a realização de suas potencialidades, condição para a sua humanização.

Na verdade não foi essa nobre intenção que animou os agentes do sistema econômico ao abrirem o mercado de trabalho à

O sonho do capitalismo não se concretizou na prática, desfeito por cartéis e oligopólios, e pela desvalorização do trabalho humano.

mulher. A motivação foi cruel. O progressivo achatamento dos salários, imposto pelas leis de mercado para assegurar a competição comercial e industrial, havia chegado a níveis insuportáveis. O chefe de família já não conseguiria sobreviver e alimentar a família com salários ainda menores. A solução foi convocar a mulher. Se a renda familiar passa a ter a contribuição dos salários do homem e da mulher, volta a ser possível continuar achatando-os, sem o risco imediato da fome.

Os fenômenos da industrialização e da urbanização também transformam a família. Antes extensa, de tipo patriarcal, com grande número de filhos, três ou mais gerações agregadas em propriedades rurais ou casas grandes em pequenas cidades, a família se pulveriza, no êxodo dos mais jovens para as grandes cidades que surgem. Torna-se comum a família de tipo nuclear, pai-mãe-filhos, vivendo em pequenas casas ou apartamentos, com salários comprimidos, elevado custo de vida e, portanto, com reduzido número de filhos. A cidade grande tende a isolar as famílias. Ficam

Ressurge hoje o fenômeno religioso, rejeita-se o racionalismo e se desconfia de todo moralismo, autoritarismo e clericalismo do passado.

Nas relações de mercado, tudo tem o seu preço, busca-se vantagem em tudo, mata-se a gratuidade nas relações humanas.

mais limitadas as possibilidades de socialização.

Essas considerações sobre algumas das conseqüências desumanizadoras do modelo de sociedade que caracteriza o mundo moderno não visam a alimentar uma perspectiva pessimista em relação ao futuro. Ao contrário, pretendem estimular ações transformadoras que só serão eficazes se se conhecerem as raízes dos disparates que desumanizam e os mecanismos que os alimentam. Conheçê-los é parte do caminho para as transformações humanizadoras e balisamento para ações conseqüentes, menos ingênuas e mais conscientes.

O cristão é chamado a dar passos corajosos nessa caminhada capaz de realizar sinais do Reino de Deus na história humana. Nos tempos atuais vêm surgindo indícios de mudanças que podem contribuir para uma renovada preocupação com a humanização. Já se torna comum falar-se em pós-modernidade, em contraposição às marcas que configuraram a modernidade. Esses indícios são instigantes. Cresce, por exemplo, a crítica à visão mecanicista do ser humano e do cosmos. O

racionalismo que domina a modernidade perde terreno. Ressurge com vigor o fenômeno religioso, pulverizado em diferentes expressões, religiões e seitas. É maior a liberdade na procura de Deus, geralmente rejeitando-se as instituições religiosas tradicionais. Desconfia-se de todo moralismo, autoritarismo, clericalismo, formalismo litúrgico e outros elementos característicos da religiosidade antiga. A afetividade e o simbólico voltam a predominar em muitas manifestações religiosas, sociais e culturais. Valoriza-se a meditação e a interiorização, mais que a oração recitada e repetida mecanicamente.

É um tempo propício, um *kairos*, oportunidade de revisão,

Conhecer as raízes e conseqüências desumanizadoras do modelo vigente é essencial para a eficácia das ações transformadoras

conversão e mudança para os cristãos e para a Igreja que os congrega como Povo de Deus.

Essa conversão está em processo, e teve no Concílio Vaticano II um momento forte, de fulgurante presença atuante do Espírito do Senhor.

ⓐ Quais as características do modelo vigente de economia que contribuem para a humanização? E para a desumanização? Exemplos.

ⓑ Conhecemos práticas desumanas nas relações comerciais e trabalhistas que repercutem nas relações familiares e sociais? Exemplos.

ⓒ No modelo de sociedade em que estamos vivendo, a gratuidade, a cooperação e a solidariedade são valorizadas?

ⓓ Quais as conseqüências mais evidentes da competição comercial, da busca desenfreada de poder, êxito social e riqueza e de incessante aumento de produtividade, características do modelo econômico neoliberal, sobre as relações entre as pessoas, na família e na sociedade? É possível atenuar essas conseqüências, se negativas? Como?



Para compreender bem como funciona o mercado: o maior sucesso de vendas nos Estados Unidos, no início deste ano, são os refrigerantes tipo "cola" e "soda" com álcool, para uso de crianças e adolescentes.

O teor alcoólico é baixo, para se enquadrar nos limites legais do consumo infantil e juvenil, mas suficiente para ir preparando uma nova geração de consumidores dependentes da pior de todas as drogas.

A nossa vocação de imitar nossos vizinhos do norte faz prever que logo chegará por aqui essa perversa ação de marketing, característica do modelo econômico vigente. Atenção!

Assaltos aos bolsos do povo

Equipe de Redação

Rendem muito mais do que todos os seqüestros e assaltos a bancos. São diversos golpes ardilosos em que se aposta na ingenuidade do povo. Alguns são explícitos ou desmascarados, mas continuam ativos. Outros são discretos e aparentam inocência para os desatentos.

Nestes dias temos assistido às revelações bombásticas sobre a Igreja Universal do Reino de Deus, que ostenta esse rótulo atraente, rigorosamente evangélico, para uma gigantesca arrecadação financeira sem precedentes no mundo. A venda de Deus e seus milagres nesse fantástico balcão revelou-se uma atividade empresarial altamente rentável. Com esse assalto aos bolsos do povo simples, mais do que sabido por todos há tantos anos, o bando construiu um império econômico que não será fácil desmontar. Suas ramificações por dezenas de países desmentem que a ingenuidade seja fenômeno nacional ou de terceiro mundo. Como a Globo, outro império poderoso, entrou nessa briga, possivelmente com motivações além de simplesmente jornalística, é de se esperar que este assalto não termine em pizza.

Mas há outros. São os "TV-assaltos", criativos e mais rendosos que o jogo do bicho e outras contravenções perseguidas pela polícia. O velho e esperto "baú", que criou outro império oferecendo felicida-

de (ao seu proprietário, naturalmente, nunca foi incomodado, embora seja um assalto ostensivo aos bolsos de gente simples, baseado na inflação, com lucros incalculáveis. Agora, esse mecanismo se diversifica, ajustando-se às novas características do mercado da ingenuidade popular, sob forma de mal-explicados "títulos de capitalização", com sorteios que prometem ao povo pagar tudo acertando em senas-e-teles exaustivamente anunciadas pelas TVs, obviamente associadas a essas empreitadas. Com efeito, a frequência e duração desses anúncios, em horários nobres, com a participação dos artistas, apresentadoras e humoristas mais caros da TV, só se explica pela fantástica rentabilidade dessas arapucas e por pareceras comerciais com a mídia eletrônica. O povo paga a conta.

Outro golpe televisivo: um simpático e conhecido apresentador ou artista badalado surge na tela e faz uma consulta imbecil aos telespectadores sobre prisão perpétua para seqüestradores ou outra bobagem qualquer. Trata-se de uma pesquisa, informa. Você vota por telefone. Há um número para o sim e outro para o não. Cada ligação custa 3 reais. Os resultados da pesquisa irão sendo anunciados e quem votar concorrerá ao sorteio de um automóvel ou coisa parecida. Para confirmar que a pesquisa é falsa e o que interessa são os 3 reais, ele acrescenta que você pode votar quantas vezes quiser... E o povo corre ao telefone e vota! Contando-se em milhões os espectadores dessas redes de TV

pode imaginar o que rendem essas esperanças. Esse golpe está se tornando comum e a polícia não prende ninguém.

Fora dos canais eletrônicos, surgem, a cada momento, as famosas correntes ou "pirâmides". Uma gang monta o clássico golpe: você compra por um preço elevado alguma coisa ou promisso de recompra nada, contra o compromisso de recompra do mesmo produto por um preço ainda maior, depois de "trabalhado" em casa pelo futuro lesado. Este, por sua vez, participa dos lucros das operações de outras pessoas por ele apresentadas à gang, para criar o efeito pirâmide. Os lucros dos assaltos é aplicado na ampliação das compras de mais produtos a serem "trabalhados", de modo que o dinheiro vai ficando sempre em mãos do ladrão. Em pouco tempo, são milhares de pessoas comprando a preço de ouro pela ilusão do enriquecimento rápido, sem perceber que os lucros são nominais e permanecem como créditos em mãos alheias. Quando o volume do golpe atinge um montante satisfatório e vai-se tornando difícil manipular a ingenuidade de tanta gente, o bando levanta vôo e some... A impunidade está assegurada pelo sumiço e a vida continua. O povo pagou a conta.

Mais um golpe milionário contra os bolsos do povo: proliferam casas de bingo pelo país. Uma lei imprudente abriu essa brecha para clubes esportivos e logo a indústria da jogatina entrou em cena e fugiu ao controle. Multiplicam-se cassinos baratos em que a roleta, ainda proibida, é substituída por cartões cheios de números. A contravenção "legalizada" se tornou tão escandalosa que se constituiu uma CPI na Câmara Federal para apurar mais esse assalto. Mas os donos de jogo subornaram deputados da própria CPI, mais tarde denunciados pelos próprios contraventores incoformados com a voracidade insaciável dos parlamentares

Venda de milagres, baús, papatudos, telesenas, ligações telefônicas pagas para concorrer a prêmios pela TV, bingos e "pirâmides" rendem mais que seqüestros e assaltos a bancos.

Os lucros astronômicos dessas atividades perversas geram um fantástico poder de corrupção para garantir impunidade.

corruptos. Criou-se então a CPI da CPI, para investigar o tamanho da corrupção. Cassações ou impunidade, só o tempo dirá.

Para arrematar estas considerações sobre arapucas, vamos registrar o esparto geral destes dias: o maior fraudador da Previdência, "capo" de uma gang de 30 cúmplices, preso após caçada rocambolesca, acaba de ser libertado por uma inesperada ordem judicial e já desapareceu, com seus milhões bem guardados fora do país. Também neste caso, o povo pagou a conta.

Para tudo isso, uma só explicação: os lucros astronômicos geram um fantástico poder de corrupção ativa que assegura a impunidade pelo suborno milionário dos que teriam a obrigação de acabar com essa farra. E nós, calados, nos tornamos cúmplices silenciosos desses assaltos cínicos aos bolsos do povo.

Podemos ajudar a desmascarar esses assaltos aos bolsos do povo? Calamos, aderimos, esclarecemos, denunciemos?

Cosmovisão e espiritualidade

José e Beatriz Reis
Presidente do IBRAF
Instituto Brasileiro da Família

O porquê dessas considerações

Talvez estas propostas que agora lhes apresentamos possam ser consideradas como continuação dos "Pontos para uma possível reflexão", publicados no nº 27 de Fato e Razão. Também elas, como as anteriores, são baseadas no livro de Juan Luis Segundo, "O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré". Enquanto a reflexão anterior se baseava nos quatro primeiros capítulos do 1º volume, estas agora tem por base todo o volume nº II/II.

Parecem-nos válidas essas propostas, justamente agora que a igreja latino-americana se preocupa, mais agudamente, com o problema de deserção de seus fiéis, à procura das seitas que lhes oferecem um estilo de espiritualidade desvinculada da vida e de seus problemas cotidianos, tornando-os mais livres assim, para mergulharem em ritos e fórmulas mágicas que parecem resolver problemas por eles experimentados como insolúveis através dos meios normais.

Muitas pessoas que analisam este fato assinalam com a possibilidade de ele ser consequência de perda da dimensão espiritual e sagrada, ocorrida nos últimos anos, nas propostas pastorais da igreja católica latino-americana. Outros apresentam diferentes possíveis causas para esse fenômeno.

Parece-nos que, para compreendê-lo em profundidade, teríamos que partir de uma visão histórica que desvendasse o caminhar da fé, os condicionamentos que envolvem essa caminhada, os desafios a que ela teve que responder através dos tempos, bem como as possibilidades e limitações por ela encontradas – conceitos científicos, filosóficos, teológicos, históricos insuficientes no tempo em que os desafios se apresentavam, levando-a a apresentar respostas que, embora consideradas definitivas no momento, se mostravam, com o correr do tempo, insuficientes e contestáveis.

Colocando o problema

A primeira coisa a ser levada em consideração nessa reflexão que agora lhes apresentamos, parece ser a importância da cosmovisão aceita e defendida nas etapas históricas em que o problema da espiritualidade era apresentado, quer pelas linhas oficiais da teologia então vigente, quer pela vivência de pessoas consideradas como capazes de se apresentar por sua vida e seu testemunho, como possíveis representantes e intérpretes da época em que viveram.

Antes, no entanto, é também importante considerar o que, de modo geral, se entendia por espiritualidade.

Talvez possamos defini-la como método que procura tornar vital ou vivencial, o que aprendemos teoricamente, embora muitas vezes essa vivência ultrapasse os limites admitidos por uma teologia elaborada em laboratório – pois a experiência é normalmente mais rica que o quadro teórico e intelectual que ela adota e que acaba por aprimi-la e domesticá-la.

O método de espiritualidade proposto pela igreja católica durante vários séculos era decorrente da cosmovisão aceita e imposta por ela, condicionada como era pelo momento cultural que era então o seu.

Com o passar do tempo, esse modelo, sem ser alterado em suas linhas mestras e essenciais, se foi modificando em algumas maneiras de ser, tomando formas sucessivas

A vivência da espiritualidade ultrapassa muitas vezes os limites admitidos por uma teologia elaborada "em laboratório".

que procuravam resolver, dentro dos condicionamentos históricos e científicos então considerados válidos, os problemas ou interrogações que então se apresentavam. Isto porque cada época tem diferentes projeções humanistas e cada homem projeta seu próprio absoluto levando em consideração o conceito cultural de sua época e os instrumentos que encontra à mão para formulá-lo e procurar realizá-lo.

Cosmovisão, ponto nevrálgico

Durante séculos o cosmos – e o mundo consequentemente – foram considerados pelos homens de modo fixista: criado por Deus só a ele competia governá-lo e apenas ele era responsável pelo que nele sucedesse.

O mundo, lugar em que o homem era colocado por Deus para nele viver um período de "prova" à procura de sua salvação individual – único valor considerado então, pela igreja como importante e absoluto – era entregue aos homens, não para que eles o construíssem ou transformassem, não para que

nele executassem um projeto humano, mas para que nele vivessem, tendo por missão única obedecer e aceitar os conceitos impostos na época pela ciência, legitimados e impostos pela igreja e, vivendo de acordo com eles, buscar sua salvação individual, sem levar em consideração os problemas concretos que se iam apresentando, através do caminhar da evolução cultural que se apresentava de modo lento mas real.

Dentro da visão sacral do universo, então dominante, a espiritualidade era proposta e vivida tendo por base o dualismo: supervalorização do sagrado e desvalorização do profano.

Surge então, como ideal, a imitação do Cristo proposta pela igreja como caminho normal para a salvação. Essa visão de espiritualidade, com as conseqüências que lhe eram inevitáveis, foi apresentada à igreja universal até, talvez, à 3ª década desse século no que então se chamava, por falta de terminologia melhor e ainda não encontrada, processo de arregimentação do povo para aumentar o número dos fiéis.

Partiram assim os europeus à conquista de povos e lugares, conquistando, dominando-os, destruindo suas culturas e as cosmovisões que lhes davam origem já que, segundo o que então se acreditava "fora da igreja — considerada como instituição — não havia salvação".

Era imposta então, aos povos assim conquistados, uma legislação fíxista e escravizadora, que



A espiritualidade no passado era proposta e vivida com base na supervalorização do sagrado e desvalorização do profano.

não levava em consideração suas necessidades humanas, culturais e religiosas.

Esse massacre era considerado legítimo pelos conquistadores cristãos (salvo algumas poucas exceções) e o pecado, para eles, consistia apenas na desobediência aos preceitos que os atingiam, de modo fixista, em suas vidas pessoais, inteiramente desvinculadas dos problemas sócio-culturais e religiosos que então decorriam.

Isto porque, desde a época de Constantino, tudo o que transbordava da história vivida por cada indivíduo, era considerado como algo absolutizado, querido por Deus e, portanto, imobilizado. Isto levou à identificação dos interesses da igreja institucional, então adotada e reconhecida pelo governo, com a mensagem de Jesus e com a exposição e imposição dessa espiritualidade também fixista e intimista.

Considerava-se a relação do homem com Deus como decorrência de sua obediência total à lei, também ela, consequentemente, fixista, atemporal e a-histórica.

Acontece então que a estrutura cultural cristã, sob a influência de povos novos que invadem o espaço europeu, e acessem à cultura mediante um processo em parte autóctone, em parte interligado por um amálgama de diversas procedências, acompanham, influenciam e condicionam a mensagem então considerada cristã, sendo absorvidos pela igreja institucional e por ela apresentados como elementos cristãos a serem pacificamente aceitos por todos.

Então, como consequência lógica de todo esse processo, a espiritualidade vivida na época pelos cristãos, passou a considerar Deus como o único responsável por tudo o que acontece no mundo, mesmo quando esses acontecimentos são provenientes dos projetos dos homens e de sua implantação com o uso de métodos e instrumentos desumanos. Então, a fraqueza e os erros dos homens eram considerados como inexistentes e não responsáveis diante de problemas sociais graves que os desafiavam.

A ansiedade e preocupação com a própria salvação paralisa o homem ou diminui sua criatividade, impedindo-o de assumir qualquer projeto, pois não agir é o meio mais seguro para não se violar a lei, não matar é mais fácil que lutar para salvar a vida do outro. E, nessa perspectiva, torna-se possível cumprir todos os preceitos da lei sem amor, alegando-se a justificativa de que a sociedade depende de mecanismos sempre complexos, que atuam e destroem

A ansiedade e preocupação com a própria salvação paralisa o homem ou diminui a sua criatividade.

grande número de homens, independentemente da atitude daqueles que se dizem cristãos.

Quando, quase na segunda metade desse século as ciências influenciando a orientação das escolas filosóficas e teológicas colocavam novos e abrangentes questionamentos, a igreja institucional e os cristãos, em sua maioria, se assustaram e se recusaram a se deixarem questionar, com medo, perdendo a antiga e limitada cosmovisão, perderem ao mesmo tempo a fé, a espiritualidade que lhes parecia intocável e a salvação eterna.

O embate de um mundo construído sobre bases sacrais com o mundo secular que surgia provocou sérios questionamentos, deslocamentos de pontos de vista, rejeições estupefata em muitos e entusiasmos, às vezes excessivos, em outros.

Questionamentos propostos pela atual evolução cultural

Temos que prestar atenção para perceber a diferença crucial

entre a antiga cosmovisão e suas consequências, e a nova cosmovisão que como uma onda, vem substituindo aquela que orientou os homens durante séculos.

Deixando de lado uma cosmovisão fixista e sacral que situava o homem apenas como espectador de um mundo que caminhava de modo independente, não precisando dele para nada, a nova cosmovisão tirou-lhe o tapete debaixo dos pés.

O ideal da imitação de Cristo que se sobrepunha a qualquer outro foi substituído aos poucos por maior valorização da dimensão humana e de suas legítimas exigências e o dualismo foi sendo substituído dentro do processo de evolução cultural que aos poucos se implantava.

Hoje é impossível ignorar, escudando-se nessa espiritualidade do passado, o caminho percorrido desde então pela teologia, e os problemas que a nova cosmovisão, de cunho evolutivo e não fixista, coloca.

Pois, de acordo com a nova cosmovisão, o mundo entregue aos homens é um mundo inacabado, chamado a evoluir de acordo com os desafios sócio-culturais, políticos, históricos e religiosos que vão apresentando. E nesse mundo assim concebido a missão do homem se amplia e se socializa: em vez de ser chamado à imitação de Cristo, é convocado para ser seu colaborador assumindo de acordo com a sua mensagem, a construção histórica do projeto por ele proposto.

Não agir era o meio mais seguro para não violar a lei, não matar era mais fácil do que lutar para salvar vidas...

Embora nem todos percebam, a mudança que se vem operando tem importância primordial e coloca a necessidade de mudanças fundamentais, tanto na linha dos conceitos quanto na linha do agir ou, em outras palavras, da espiritualidade a ser apresentada e vivida. E isto é um desafio que se vem colocando de modo cada vez mais provocativo, à teologia do ocidente.

Enquanto, no passado, ela se contentasse com uma colocação intimista, fixista e dualista, hoje ela se sente interpelada por uma cosmovisão evolutiva, que valoriza a construção do projeto de Jesus, dentro da dimensão, das possibilidades e das realidades históricas de determinado tempo, de determinada cultura.

E esse projeto, então apresentado de modo abstrato e atemporal, apresenta-se hoje em toda a sua confiabilidade, supondo a elaboração de uma teologia da história pela vivência de uma fé condicionada pelos sinais dos tempos e neles contemplada, sendo que a existência desses sinais pode demonstrar a presença ou ausência

da aplicação desse projeto no caminhar da humanidade.

Jesus de Nazaré levava a sério a realidade sócio-cultural política e religiosa de seu tempo e de seu povo — longe de desprezá-la, criticava-a em seus próprios fundamentos e nos sintomas que a tornavam visível: a marginalização e opressão dos pobres e dos doentes, considerados por seus conterrâneos como pecadores que carregavam em vida seu próprio castigo.

Como todo projeto histórico, o projeto de Jesus consiste em valorizar, desde o começo, certas pessoas, valores e situações concretas e em transformar, em consequência, a realidade, procurando colocá-la de acordo com tal valorização.

Estratégias são criadas e colocadas a serviço dos critérios objetivos do projeto, para possibilitar a introdução dos valores julgados válidos na realidade concreta e real. E esses valores, em vez de serem apresentados apenas como pensamentos abstratos, aparecem com todo o seu peso conflitivo: amor, liberdade, justiça, solidariedade, igualdade, comunicação.

Isto exige, como vimos, a colaboração indispensável do homem e sua prestação de serviço objetivo ao projeto proposto. Supõe a percepção, através dos sinais dos tempos, de como esse projeto repercute ou deixa de repercutir na história, quais são suas possibilidades objetivas de realização e quais as necessárias e possíveis correções de órbita.

*O projeto de Jesus
consiste em valorizar
pessoas e situações
concretas e transformar
a realidade segundo
essa valorização.*

Acontece que hoje, em geral, a pastoral adotada pela maioria dos bispos não nos dá a instrumentação necessária para a implantação desse projeto, procurando defender a necessidade de se voltar à prática da antiga espiritualidade. Enquanto as pessoas mais velhas e menos evoluídas apoiam essa atitude, as gerações mais novas não conseguem aceitá-la e se afastam, procurando outras possíveis opções ou alternativas diferentes.

É inevitável, no entanto, que uma nova visão humana e cristã surja desse novo enfoque, visão mais capaz de perceber e formular melhor os problemas que hoje se nos apresentam.

De fato, depois de séculos de formulações e orientações fixistas, não nos é fácil, apesar de ser inocultável, o esforço para situar os problemas humanos como vinculados a um processo do qual recebiam, ao mesmo tempo, impulsos positivos e negativos, energia e condicionamentos.

Com a interdependência mais total dos países é praticamente impossível se propor o uso de um sistema específico (ideologia

instrumentação), sendo necessário o uso de várias ideologias; a fé cristã tem de aceitar a lentidão provocada por complexos processos evolutivos.

Ao propor seu projeto, Jesus usou o contexto e as expectativas dos israelitas do seu tempo. Em tais condicionamentos sócio-culturais, políticos, histórico-culturais e religiosos, os meios usados por ele não teriam surtido efeito.

Talvez tentar realizar o projeto do reino de Deus hoje, tal como foi por ele pregado, poderá ser impossível ou catastrófico.

E talvez tenhamos que analisar, que determinar o que se pode fazer e as etapas que deverão ser propostas. Daí a necessidade de flexibilidade para que possamos ser fiéis, ao mesmo tempo, à realidade e às metas propostas pelo projeto.

Isto supõe uma ecologia da mente que nos leve a aprender, da história humana e de sua evolução universal, os mecanismos que nos conduziram até aqui para que, situando os fatos em sua categoria evolutiva, possamos enfrentar as tarefas novas que ela nos impõe.

Situando Jesus de Nazaré no atual processo evolutivo

Para se poder flexibilizar a fé sem trai-la em suas exigências fundamentais, teremos que examinar as características da mensagem e do projeto de Jesus; restaurar a plena humanidade daqueles que tinham sido privados dela,

*Talvez tentar realizar o
projeto do Reino de
Deus hoje, tal como
pregado por Jesus,
poderá ser impossível
ou catastrófico.*

sobretudo por mecanismos de marginalização social e política nos pilares da opção religiosa de seus conterrâneos, fazendo-os perceber que sua ideologia religiosa justificava a injustiça e a destruição de pessoas humanas, colocando-os à serviço da manutenção da sociedade desumana que era a sua.

É isto o que o projeto de Jesus exige ainda hoje, ressaltando as diferenças específicas, de outras sociedades com estruturas de marginalização equivalentes ou semelhantes, sejam elas estatutos jurídicos, sejam estruturas sociais estratificadas em classes sociais, sejam preconceitos religiosos.

O homem que colabora com esse projeto deve aprender a pô-lo em prática, desde agora, na medida do possível, procurando estabelecer as bases que tomem essa conduta mais praticável, renunciando a instrumentalizar os homens, abrindo caminhos para uma resposta pessoal do outro, tratando-os como gostaríamos de ser tratados.

Isto significa substituir a reação mecânica que instrumentaliza pela aventura gratuita e perigosa do incalculável.

Este é o ideal orientador, e nunca pode ser convertido em molde mecânico habitual.

Mostra-nos como Jesus ocupa um lugar importante no processo evolutivo da humanidade e do universo, pois não existem compartimentos estanques.

Isto nos leva a perceber ainda que a fé antropológica no projeto de Jesus (chamado por ele de reino de Deus) deve ser baseada também em "sociedades testemunhas" que permitam aos homens vislumbrar a possibilidade de se criar esse caminho evolutivo, apostando nele e valorizando-o acima de outras experiências sociais possíveis de serem realizadas.

Projeto de Jesus num mundo secular

Os direitos humanos constituem uma ideologia e supõem estruturas que levem à sua realização com sanções no caso de não serem cumpridas.

Supõem o uso de políticas concretas através das quais se subordinem a elas outras séries de valores.

O desenvolvimento e a aplicação dos direitos humanos tem notável semelhança ou identidade com o ideal cristão de amor sendo, por assim dizer, sua forma leiga: implicam a existência de uma sociedade ideal, mobilizando a fé antropológica através de ideologias ou sistemas de eficácia exigidos pelos próprios direitos humanos.

Confundimos muitas vezes, mesmo em Jesus e na religião

Confundimos um ideal proclamado com os meios usados para o realizar, o que leva ao fracasso do ideal proposto.

católica, um ideal proclamado com os meios postos em prática para o realizar. Daí surge uma cópia destinada sistematicamente ao fracasso do ideal proposto. A flexibilidade da fé supõe que se aceitem mudanças, e o passar dos meios costumeiros para outros não estabelecidos supõe sensibilidade diante das mudanças lógicas que essa atitude carrega consigo.

Outras vezes, em nome da pureza da fé, esperamos que um tipo de eficácia plenamente cristã recolha todo o sentido e valor da mensagem e os implante assim na realidade.

Acontece então que a comunidade cristã se vai configurando como uma massa que passa a pensar de forma linear, sem descobrir novas e inesperadas formas de se vivenciar e procurar viabilizar o projeto de Jesus.

Surgem hoje novas formas de vivência da fé religiosa dentro do projeto de Jesus. Formas muitas vezes despojadas de um modelo de continuidade que as tornariam mais facilmente reconhecidas como procedentes dessa mensagem.

Talvez, num mundo secular, essas formas ainda não bem aceitas pela igreja oficial, possam constituir um fator de flexibilidade para uma humanidade que carregue em suas mãos, a futura evolução do mundo.

Então, a mensagem cristã, enterrada como semente na terra, surgirá como planta inesperada que, embora seja radicalmente a mesma, apresenta conotações diferentes e, às vezes, quase escandalosamente surpreendentes.

ⓐ Como era proposta e vivida a espiritualidade cristã no passado mais distante? E na nossa catequese mais recente?

ⓑ Como entendemos, hoje, uma verdadeira espiritualidade fiel ao Evangelho e convergente com a proposta do Reino de Deus, própria para a realidade dos nossos dias?

ⓒ O que nos parece mais adequado para o nosso tempo: afastar-nos do mundo para um encontro mais profundo com Deus ou agir no mundo para humanizá-lo?

ⓓ Como as ações humanizadoras na família, na sociedade, na política se tornam expressões de uma verdadeira espiritualidade cristã?



No Japão arrasado do final da Segunda Guerra Mundial o general MacArthur, comandante das forças americanas de ocupação, promoveu uma ampla reforma agrária forçada.

Foi o primeiro passo para a recuperação daquele país que hoje é a mais agressiva potência econômica do mundo, concorrendo ameaçadoramente com o país que venceu a guerra.

Na Coreia destruída pela guerra que a dividiu ao meio, nos anos sessenta, o primeiro passo para a sua reconstrução foi a mais ampla reforma agrária, além de enormes investimentos na educação, para vencer o analfabetismo de mais da metade da população.

Hoje, 30 anos depois, esse país exporta tecnologia, serviços e produtos sofisticados para o mundo inteiro, apresenta um modelo educacional invejável e erradicou a pobreza.

Por que só este imenso Brasil não consegue dar terra a todos para que não haja mais fome e miséria no campo e nas periferias das cidades?

Apenas um por cento

As vezes, o dinheiro impede o raciocínio. As pessoas conseguem fazer as contas. O que não conseguem é libertar-se do seu faz-de-conta. Somos todos assim. Enquanto pobres, repartimos maravilhosamente bem. Assim que entra o primeiro dinheiro grosso, até o nosso 1% fica impossível de repartir. Explico-me e conto uma história para ilustrar.

Aconteceu num grupo de amigos, entre os quais alguns industriais, dois políticos e vários profissionais liberais. Celebrei a missa e ficamos para conversas informais. Não podia ser diferente. Pintou o tema: pobreza. O que fazer pelas crianças de rua?

As idéias eram muitas, mas nenhuma concreta: ajudar os orfanatos, campanha para as mães pobres, aulas de corte e costura, aulas disso e daquilo, cesta básica, melhores salários e assim por diante. Mas eram só idéias. Poucos achavam viável assumir aquilo. Arrecadariam algum dinheiro para quem sabe, a Igreja ou algum centro com assistentes sociais e ajudariam ao menos parte da infância abandonada.

Foi quando joguei uma idéia e

Pe. Zezinho, scj

disse: "Ninguém de vocês é pobre. Aqui não há ninguém com menos de 500 mil reais no banco. Por que não abrem uma conta especial, de maneira que, a cada mês, 1% vá para este projeto AAPC (Apoio ao Pequeno Cidadão)?" "Epa, mas, aí, já são 12% ao ano..." refletiu alguém. "E daí? O que é para você, que tem 500 mil, dar 5 mil aos meninos pobres da cidade? Não vai ficar mais pobre por isso." Feitas as contas, um deles concluiu honestamente que teria de dar, mensalmente, 20 mil reais, e isto era demais. Retruquei que continuava sendo 1% do que ele tinha no banco. Votação secreta e o projeto foi descartado: envolveria dinheiro demais.

E, assim, morreu no nascedouro o brilhante projeto de ajudar o pequeno cidadão com confecções, oficina, escola profissional e coisa e tal, porque, feitas as contas, seria dinheiro demais para dar e para começar uma instituição que poderia não dar certo.

Estavam brincando de caridadezinha. Enquanto fosse pouca coisa, todos ajudariam, mas 1% é muito dinheiro, quando se tem muito dinheiro. Se eu tivesse pedido, ape-

Enquanto pobres, repartimos bem. Se ficamos ricos, até o pouco fica difícil de repartir.

nas 1% de mil reais, teriam dado. Afinal, seriam só dez reais. O economês não fala a mesma linguagem da caridade: montanhas de dinheiro tiram qualquer perspectiva.

Por isso e muito mais, Jesus continua atualíssimo. O reino dos céus não combina bem com as contas bancárias. Receio que jamais combinará. Os pobres dão 10%, enquanto são pobres. Quando passam do milhão, começam a contar cada tostão. De fato 1% do coração é demais, sobretudo quando se tem tão pouca chance de crescer...

@ São verdadeiras as conclusões do autor deste artigo? O que pensamos a respeito da generosidade de pobres e ricos?

@ E nós, como nos classificamos enquanto à generosidade?



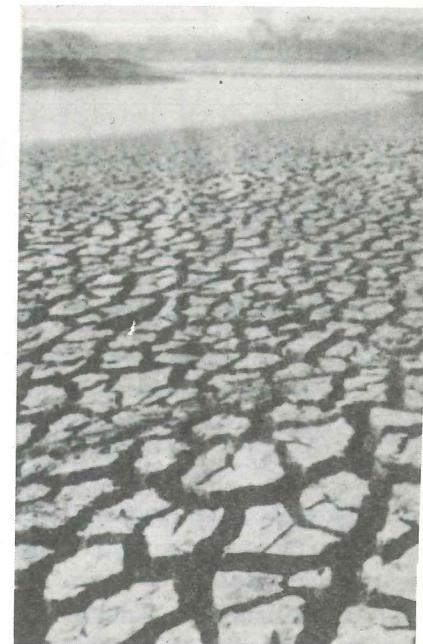
Quem se lembra da CPI do Orçamento? Aquela que desocultou um imenso esquema de negociatas, extorsões, entidades e contas bancárias fantasmas, uso pessoal de recursos de campanhas eleitorais, sonegação de impostos e falsificação de documentos, operações financeiras forçadas...

O único preso já está liberado, com a sua fortuna intacta, cuidadosamente escondida na Suíça ou nas Bahamas. Os demais parceiros, vivem bem, obrigado...

Os jornais não tocam mais no assunto, a Justiça dorme, como de hábito, até que os crimes estejam prescritos, os políticos preferem não tocar no assunto, porque certamente os maus hábitos desmascarados continuam a ser praticados, o povo tem memória curta... e a vida continua.

Resta torcer para que os protagonistas dessa comédia não retornem algum dia, vestidos de vítimas inocentes de uma "trama política movida por interesses ocultos"...

Já vimos esse filme.



Os ricos se assemelham muitas vezes à terra ressecada e estéril, incapaz de dar frutos, pelo apego à riqueza.

Gênero não é o mesmo que sexo

Uma nova era surgiu na África do Sul e todas as pessoas estão falando sobre reconstrução e desenvolvimento. Isto torna ainda mais urgente uma análise das questões ligadas ao gênero, especialmente em relação ao desenvolvimento.

A atual situação política nos levou de uma cultura de dependência para uma cultura de independência. Isto levanta novamente, de um modo novo, a questão de como as mulheres vão passar para uma cultura de independência.

A questão da igualdade entre homens e mulheres não deveria ser relegada a uma espécie de gueto. As mulheres precisam se tornar participantes ativas em todos os processos que nos conduzirão a uma democracia plena. Precisamos garantir que reconstrução e desenvolvimento não sejam entendidos de um modo que simplesmente perpetua a desigualdade de gênero.

No passado, nossa tendência era enfrentar os sintomas da desigualdade de gênero e não as suas raízes. Alguns e algumas de nós apenas culpávamos o apartheid. Mas será que agora é tempo

Cood. Dpt. Mulheres Inst. Teol. Contextual - África do Sul

para isso? Será que o apartheid é mesmo a causa fundamental da desigualdade entre homens e mulheres?

Não é só na África do Sul que as mulheres experimentam esses problemas. A desigualdade de gênero não é um problema racial, e sim um problema global.

Gênero e sexo

Durante séculos as pessoas têm acreditado que as diferenças sociais entre homens e mulheres eram naturais e por isso não podiam ser mudadas. Acreditava-se que essas diferenças sociais eram determinadas por nossas diferenças biológicas e, portanto, estabelecidas por Deus.

Acreditava-se que era impossível mudar idéias a respeito daquilo que é masculino e daquilo que é feminino, como por exemplo, considerar que os homens são racionais e as mulheres são emocionais, ou as idéias a respeito do que os homens e as mulheres são capazes de fazer, como consertar o carro e lavar a louça. No entanto, pesquisas recentes têm mostrado que essas características e práticas masculinas e femininas

eram moldadas e construídas pela sociedade. Não são naturais. Isto nos leva à distinção muito importante entre sexo e gênero, ou seja, entre as características naturais, biológicas, de homens e mulheres, e as características que foram construídas pela sociedade específica na qual vivemos. O sexo se refere às diferenças biológicas nos órgãos sexuais, a capacidade de gerar uma criança e a capacidade de fertilizar uma mulher. O gênero se refere aos diferentes tipos de comportamento que se espera de homens e de mulheres — desde a maneira de falar, até o modo de se vestir.

Muita confusão tem sido provocada pela tendência de tratar sexo e gênero apenas como duas palavras diferentes para dizer a mesma coisa. As estratégias das mulheres para a conscientização têm sido muitas vezes mal orientadas e contraproducentes, porque não são claras a respeito da diferença entre aquilo que é biológico e o que é social.

Estereótipos de gênero

Uma vez que tenhamos adquirido consciência de que gênero é uma construção social, podemos olhar para trás, para nossa própria história pessoal e ver como fomos condicionados/as socialmente.

Posso me lembrar de que me ensinaram, quando criança, o que eu podia, e o que não podia fazer. Disseram-me que algumas coisas eram boas para os meninos e outras, para as meninas. As meninas deviam se comportar de

*Durante séculos as
pessoas têm acreditado
que as diferenças
sociais entre homens e
mulheres eram naturais
e portanto imutáveis.*

determinada maneira, que não se aplicava aos meninos.

Na escola me disseram que não podia estudar matemática, porque as meninas não eram boas em matemática. Na universidade, durante a semana de orientação, aconselharam as meninas a não tentarem a carreira de direito; se já tivessem se registrado para obter um diploma nessa área, deveriam se transferir para a área de artes. A razão que nos foi dada era de que o direito era uma matéria difícil e que os negros, especialmente as mulheres negras, não conseguiriam acompanhá-la. No trabalho a mesma discriminação de gênero é evidente. Certos tipos de trabalho só servem para homens.

Tanto os homens quanto as mulheres são vítimas de estereótipos de gênero. Tanto os homens quanto as mulheres são socializados/as de um modo que os/as leve a crer que podem ou que não podem fazer certas coisas. Crenças e mitos a respeito de gênero passam a ser normas aceitas e relativamente poucas pessoas as questionam.

O que torna os estereótipos de gênero um assunto tão sério para nossa sociedade e para nossas Igrejas é a crença fundamental sobre a qual se baseiam todos os estereótipos de gênero, ou seja, o mito de que os homens são superiores às mulheres.

Os homens são socializados de modo a acreditarem que são superiores às mulheres, e que portanto eles deveriam tomar todas as decisões. As mulheres são física e mentalmente fracas, e política e economicamente ignorantes, portanto os homens deveriam sempre liderar.

Por outro lado, as mulheres são socializadas de modo a acreditar que os homens nasceram para serem líderes e que sempre sabem mais. Conseqüentemente, as mulheres raramente têm a confiança necessária para questionar as decisões dos homens e são levadas a acreditar que questionar de qualquer maneira a superioridade masculina é um sinal de falta de respeito.

Citando a Bíblia

Para reforçar esses mitos e crenças, homens e mulheres muitas vezes apelam para a cultura ou a religião. A cultura também é uma construção social. Nós precisamos dela e é útil para nós. No entanto, não é impossível mudar a cultura. Já com a religião, o caso é diferente.

Os cristãos muitas vezes usam a Bíblia para reforçar a desigual-

Os homens são socializados de modo a acreditarem que são superiores às mulheres e, portanto, lhes cabe tomar todas as decisões.

dade de gênero. Não temos possibilidade de tratar de todos os textos que as pessoas citam, mas há dois princípios muito importantes na Bíblia que precisam ser levados em conta quando estamos interpretando qualquer texto a respeito de mulheres e de homens.

O primeiro é que Deus os fez diferentes — sexualmente diferentes. Deus queria que homens e mulheres fossem diferentes fisicamente, exatamente para que pudessem se deleitar um com a outra, completar uma ao outro e se tornar "uma só carne".

Nesse sentido, homens e mulheres se complementam um ao outro e, juntos, reproduzem a raça humana. Precisam um do outro para cumprir a tarefa que Deus lhes deu: "Sede fecundos, multiplicai-vos".

Esta é a vantagem de nossas diferenças sexuais e podemos até argumentar que Deus não foi totalmente justo para com os homens neste aspecto. Deus deu às mulheres o incrível dom de gerar crianças e a experiência da mãe de sentir

outro ser humano crescendo dentro dela. Os homens não têm isso.

O segundo princípio que encontramos na Bíblia é que homens e mulheres são iguais. A passagem mais clara a esse respeito se encontra em Gálatas, 3:28.

"Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus."

No contexto da África do Sul, como devemos compreender esse versículo?

Não deve mais haver nenhuma discriminação entre brancos e

negros, europeus e africanos. Não deve mais haver uma raça ou classe de escravos. E, de modo semelhante, não deve mais haver nenhum tipo de desigualdade de gênero entre homens e mulheres. Jesus Cristo acabou com tudo isso.

Na África do Sul aprendemos a dizer que cor, raça, cultura, língua, etc. não são motivos para tratar as pessoas como se não fossem iguais. Agora precisamos aprender a fazer o mesmo em relação ao gênero.

Desafios

Uma vez que os estereótipos de desigualdade de gênero são



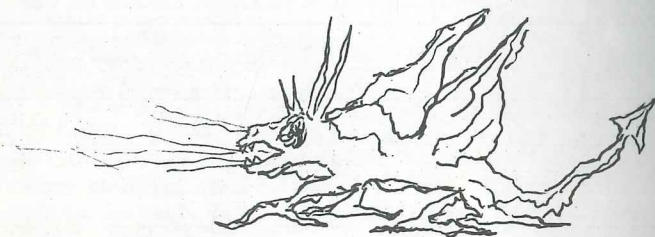
criados por seres humanos e não por Deus, podem ser mudados — e precisam ser mudados. As mulheres não podem fazer isso sozinhas, embora tenham que tomar a dianteira. É preciso que homens e mulheres, juntos como parceiros, comecem a rejeitar essa socialização em termos de gênero e trabalhem para impedir que as crianças de hoje sejam condicionadas do mesmo modo.

Nos nossos grupos de mulheres precisamos ajudá-las a refletir sobre sua própria educação, suas pressuposições e sua interpretação da Bíblia. As mulheres precisam aprender a analisar as instituições

@ Fica clara a diferença entre características masculinas e femininas naturais e culturais? Exemplos.

@ O que deve ser mudado nas atitudes que ainda desvalorizam a mulher na nossa cultura machista? Exemplos.

@ O que podemos fazer, concretamente, para uma mudança de mentalidade nessa questão?



Muitas pessoas vivem atormentadas por medos reais e imaginários, perseguidas por fantasmas e dragões menos ameaçadores do que parecem.

Jefferson já dizia que os males que mais fazem sofrer são os que nunca chegam a acontecer.

Mario Quintana, esse sábio e bem humorado poeta gaúcho nos deixou uma receita preciosa: em vez de você viver fugindo de um dragão, sem coragem de enfrentá-lo, vire-se, encare-o, e chame-o de "Fifi"...

Não há dragão que sobreviva a um deboche tão humilhante.

Se as desigualdades de gênero foram criadas por seres humanos e não por Deus, podem e devem ser mudadas.

que as discriminam e as estruturas de trabalho, salário, economia e desenvolvimento que ainda estão longe de serem iguais para homens e mulheres.

Todos/as somos desafiados a aprender, a ouvir, a falar e a agir.

Beijing: O encontro das mulheres do mundo

Lucia Ribeiro
Socióloga

As mulheres do mundo se encontraram em Beijing, em setembro de 1995. Mais que nunca, aí se concentrou o que um dos posters do início do feminismo afirmava: "A sororidade está florescendo. A primavera nunca mais será a mesma". Nesta primavera, cerca de 30.000 mulheres tornaram-se visíveis, a nível planetário, sua "sororidade". E o simples fato de terem conseguido, enfrentando todo tipo de dificuldades, se reunir na China já constitui, por si só, um marco na história. Foi a maior de todas as reuniões promovidas pelas Nações Unidas, até o momento.

Como vem sendo usual, neste âmbito, foram realizadas, quase simultaneamente, duas reuniões: a Conferência oficial e o Fórum das Organizações Não-Governamentais. A primeira reuniu em Beijing (nome oficial da capital da China) delegações de 183 países, tendo como objetivo elaborar uma breve declaração de princípios — a Declaração de Beijing — e o Plano de Ação, documento que reúne todas as propostas aprovadas, por consenso, pela Conferência.

Paralelamente, realizou-se, a 10 km da capital chinesa, em Huai-ou, o Fórum das Organizações

Não-Governamentais (ONGs). do qual participaram centenas de movimentos de mulheres do mundo inteiro. Este Fórum constituiu, antes de mais nada, o grande espaço do encontro, de debates e de intercâmbio e, sem dúvida, neste aspecto, foi um êxito total, oferecendo subsídios, sugestões e críticas ao Plano de Ação. Neste aspecto, as dificuldades foram bem maiores, a nível do Fórum como um todo: não foi apenas a separação física entre as duas cidades e as dificuldades de transporte e comunicação, que obstaculizaram a relação entre as duas reuniões; o próprio número de participantes e problemas organizativos impediram um acompanhamento mais estreito e permanente entre ambas. Isto não significa, entretanto, que a relação entre o nível governamental e o não-governamental tenha se esvaído; simplesmente, assumiu outras formas, sendo assegurada, não pela totalidade das participantes, mas por um grupo mais reduzido de membros das ONGs, que se dedicaram mais diretamente a esta tarefa, talvez até de maneira mais eficiente e adequada para este tipo de trabalho.

As observações que se seguem referem-se ao Fórum das ONGs, já

que foi quase que exclusivamente neste âmbito que se deu minha participação. Obviamente, mesmo aqui, não há nenhuma pretensão de analisar totalmente um evento de tal magnitude. Simplesmente, gostaria de apresentar algumas impressões gerais e trazer algumas reflexões, a partir de minha experiência pessoal.

O Forum das ONGs, em Huairou, não teve apenas uma importância quantitativa, como foi dito acima; marcou também um salto qualitativo para o movimento de mulheres.

Ao abandonar a idéia de que as mulheres são todas iguais — implicitamente aceita em uma primeira etapa — o movimento vem reconhecendo sua diversidade, que se expressa, entre outras, em diferenças de classe, de raças e etnias, de identidade cultural, de idade e de preferência sexual.

Paralelamente, o próprio movimento vem se ampliando e se diversificando; isto não significa apenas reconhecer a existência de correntes diversas, dentro do movimento feminista, mas também admitir outros tipos de movimentos de mulheres. Embora nem sempre seja fácil fazer esta distinção já que não se podem estabelecer fronteiras rígidas entre elas — pode-se considerar, concordando com a opinião de diversas autoras, que o movimento feminista é uma vertente ou uma das faces de um movimento de mulheres mais amplo, cuja outra face estaria dada pelas mulheres das periferias dos centros urbanos, das comunidades

O movimento feminino abandonou a idéia de que todas as mulheres são iguais, reconhecendo e respeitando sua diversidade.

rurais e dos movimentos sindicais. (Vera Soares, 1994).

Foi esta diversidade, representativa da realidade atual, que se expressou no Forum das ONGs, em Huairou. Aí estavam presentes, junto com movimentos explicitamente feministas, movimentos de mulheres os mais diversos. E esta convivência foi particularmente fecunda; no dizer da Virginia Vargas, coordenadora regional da América Latina e do Caribe, "nossa força não reside na unidade, mas na diversidade". A capacidade de articulá-la expressou, realmente, a maturidade de um movimento que cresce e se diversifica, mas que consegue manter o respeito às diferenças.

Isto se manifestou, antes de mais nada, no clima de diálogo, de não-sectarismo e de abertura que caracterizou o Forum. Permeadas por este clima, suas atividades assumiram uma grande variedade de formas: debates teóricos, intercâmbio de experiências cotidianas, manifestações políticas, expressões artísticas e culturais. A esta se somou a variedade de conteúdo dos 3.500 seminários

programados; mais além da agenda clássica dos movimentos de mulheres, que recobre aspectos como saúde, sexualidade, direitos reprodutivos, educação, condições de trabalho, migração e situações de emergência, novos temas emergiram: meio ambiente, violência (particularmente violência sexual), tráfico de mulheres, diferenças étnicas/raciais, grupos étnicos (incluindo tanto mulheres da terceira idade quanto meninas e jovens) e mulheres em situações específicas, tais como portadoras de deficiência física ou mulheres empresárias e executivas, entre outras.

A maturidade do movimento se expressou ainda no clima positivo que permeou os debates: ao invés de limitar-se apenas ao reconhecimento e às denúncias de problemas e opressões — o que constitui um passo inicial indispensável, porém insuficiente — tentou-se também propor soluções e definir propostas. A voz das mulheres assume um outro tom: seu discurso passa a ser não apenas de vítimas, mas também de protagonistas. Não se limita mais a reivindicar direitos, de forma exclusiva, mas começa também a afirmar deveres.

Mais um elemento expressou esta maturidade: a capacidade de perceber que os problemas que dizem respeito à condição feminina inserem em um contexto sócio-econômico mais amplo, que os condiciona. Não basta, portanto, identificá-los de forma individual, mas há que contextualizá-los,

A voz das mulheres assume outro tom: seu discurso deixa de ser o de vítimas para ser o de protagonistas que reivindicam direitos mas afirmam deveres.

tomando consciência de que a luta é mais global. Nesta perspectiva, vários seminários, em Huairou, abordaram, com uma visão crítica, o processo de globalização que vem ocorrendo e suas conseqüências para a vida das mulheres.

Nesta mesma linha se coloca a questão da participação masculina. Novidade em Beijing, os homens, embora constituíssem apenas uma pequena minoria, já estavam presentes, não apenas como acompanhantes das mulheres, mas como participantes integrais, debatendo temas como direitos humanos, demografia, dependência química ou reprodução humana.

Por ocasião de um seminário sobre este último tema, do qual participei, sua participação foi particularmente interessante. Normalmente considerada como "domínio feminino", esta temática foi reivindicada também pelos homens; um deles afirmava: "não quero fazer um discurso vitimista." (e ao negá-lo, já o fazia...) "mas o que acontece, na realidade, é que as mulheres nos excluíram das práticas reprodutivas; agora queremos assumir

nosso lugar aí." Exigiam que os direitos reprodutivos fossem considerados também como direitos dos homens.

Naturalmente, reconhecia-se também, neste processo, uma série de obstáculos; entre estes, a ine-xistência de indicadores, neste campo, relacionados à população masculina, a escassez de tipos de métodos anticoncepcionais para homem e a ausência de um debate masculino sobre estes temas. Ao mesmo tempo, observava-se que tal situação não se deve apenas à culpa individual dos homens, mas é consequência de toda uma estrutura sócio-cultural. "Em dez anos, deveríamos ter não outra reunião sobre a mulher, mas uma reunião sobre gênero, com a participação de mulheres e homens", foi a proposta de um dos membros do seminário. Esta perspectiva abre novas pistas e possibilita alargar e aprofundar a linha teórica que enfatiza a importância de adotar uma perspectiva de gênero.

Outra novidade, no âmbito dos movimentos de mulheres, foi a presença de uma dimensão de espiritualidade, vinculada ou não a uma instituição religiosa específica. Diversos seminários foram organizados acerca desta temática. E o título de um deles era sintomático: "religião: libertação ou entrave?" Na realidade, as duas alternativas parecem co-existir, no momento atual. Nos debates dos quais participei, a crítica aos aspectos conservadores e patriarcais de diversas religiões, em relação à condição feminina, se

Práticas concretas de mulheres leigas, teólogas ou freiras começam a formar uma base sólida para repensar a temática feminina no âmbito das religiões.

fazia explícita em muitos casos, como não poderia deixar de ser, mas observei valores religiosos e éticos que podem contribuir para a liberação feminina, não só a nível de realidade social como um todo, mas particularmente em relação às próprias instituições religiosas. Nesta perspectiva, experiências que já vêm ocorrendo foram apresentadas: práticas concretas de mulheres leigas, teólogas ou freiras — no caso da igreja católica — começam a formar uma base sólida para repensar a temática feminina neste âmbito.

Foi importante, também, descobrir os esforços das mulheres para fazer uma releitura dos textos sagrados "sob a ótica feminina": se esta já era uma prática conhecida entre as mulheres cristãs, em relação à Bíblia, foi uma surpresa descobrir tal prática também entre muçulmanas, em relação ao Corão.

Ao lado do debate teórico, houve também momentos de uma vivência concreta de espiritualidade. Foi o que se deu, por exemplo, no seminário organizado pelo movimento Pax Romana — MIIC — do qual faço parte — coordenado pela

nossa equipe. Com um grupo de cerca de 40 mulheres, de diversos países e religiões, conseguimos criar um espaço de silêncio e de meditação; depois partilhamos nossa experiência e nossas buscas, neste campo e terminamos com uma prece comum. Foi um momento forte e particularmente tocante, experimentando existencialmente a possibilidade de uma autêntica (com)unidade na diversidade.

Aliás, esta foi, a meu ver, a dimensão fundamental de todo o encontro ao unir mulheres — e homens — das mais variadas situações e origens na busca comum pela paz, pela igualdade e pela justiça (implícita na idéia de desenvolvimento) e ao considerar os direitos das mulheres como direitos humanos", a IV Conferência Mundial sobre a Mulher estabeleceu um marco, abrindo caminhos fecundos para o futuro. Neste sentido é possível afirmar — fazendo nossas as palavras da

O encontro reuniu mulheres das mais variadas situações e origens na busca comum da paz, igualdade e justiça, abrindo caminhos fecundos para o futuro.

chefe da delegação brasileira — que vivemos em Beijing o começo do século XXI, que há de ser, com a ajuda das mulheres, o século da paz."

Bibliografia

CARDOSO, Ruth — Discurso pronunciado por ocasião da IV Conferência Mundial sobre a Mulher — Pequim, 5/9/95.

SOARES, Vera — "Movimento feminista: paradigmas e desafios" in *Revista de Estudos Feministas* — Número especial/ 2º sem./94 — pg. 13 - CIEC - UFRJ - Rio de Janeiro.

Como nos posicionamos frente aos temas debatidos na Conferência de Beijing e às suas conclusões? O acontecimento foi bem divulgado na nossa cidade? Foi importante? Exemplos de conquistas promissoras.



O padre da cidadezinha passeava a pé para conhecer seu povo. Passou por uma fazenda muito bem cultivada, com uma bonita casa cercada de jardins, o pai na varanda conversando num fim de tarde.

"A sua linda fazenda é uma prova de que Deus existe", disse o padre. "É verdade, padre", respondeu o fazendeiro. "Mas queria que o senhor fosse essa terra quando Ele trabalhava aqui sozinho..."

Os portugueses, o latifúndio e a escravidão

Para compreender a pobreza — miséria em que vivem 2/3 do povo brasileiro — apesar da economia do país haver evoluído entre 1955/80, do 49º para o 9º lugar no mundo — é necessário analisar o início da exploração econômica, a formação da propriedade e a primitiva acumulação de capital no Brasil, a partir da chegada dos portugueses.

Apesar de sua enorme capacidade colonizadora (no sentido de saquear as riquezas de outros povos), os portugueses revelaram uma total incapacidade para colonização (no sentido progressista da palavra, ou seja, de tornar produtiva, pelo trabalho, as terras descobertas).

"Não pensavam (os portugueses) no que podia ficar e sim no que podiam levar para o Reino (...). Os portugueses não sabem colonizar" — Frei Vicente do Salvador.

No que pode ser considerado como a origem das modernas empresas transnacionais, os lusitanos conseguiram estabelecer um sistema de exploração multicontinental já no início do século XVI. A agro-indústria açucareira instalada no Nordeste brasileiro, a partir de 1534, é um exemplo dessa capa-

Paulo R. Schilling
Sociólogo

cidade espoliadora dos continentes de Camões.

Com os capitais obtidos no saqueio da África e da Índia, eles instalaram no Brasil uma atividade econômica pioneira, destinada a abastecer em grande escala os mercados da Europa dum produto cujo consumo estava até então limitado a minorias altamente privilegiadas, o açúcar, obtendo, conseqüentemente, um alto preço.

Como não dispunham de mão-de-obra própria (os portugueses eram muito poucos; já na época do descobrimento do Brasil, aplicava-se em grande escala trabalho escravo em Portugal) e como os índios se rebelassem contra a escravidão, os lusos trouxeram os "instrumentos de trabalho" de um quarto continente, a África. Ou seja, estabeleceram uma exploração econômica afirmada em 4 continentes. Um verdadeiro prodígio, principalmente considerando as precárias condições de transporte e comunicação da época.

O fato de serem muito poucos determinaria o tipo de colonização adotada pelos portugueses no Brasil. Inicialmente, revelando uma impressionante visão da que hoje chamamos *geopolítica*, eles trata-

ram de consolidar a ocupação do litoral, estabelecendo como limites extremos de seus domínios americanos as duas grandes entradas naturais do subcontinente: os rios da Prata e o Amazonas.

Por isso, diz-se que a portuguesa foi, no Brasil, uma "civilização de caranguejos", ao longo do litoral. Foram os bandeirantes, posteriormente, que ampliaram as fronteiras no sentido leste-oeste.

A partir de 1534, a Corte tratou de ocupar e explorar a nova posse estabelecendo as capangas hereditárias, enormes territórios destinados pelo rei a assalados destacados — nomeados *capangas mores* — com a obrigação de promoverem o povoamento das mesmas.

Essa doação, inicialmente mais formal e honorífica que real e produtiva (pois a terra sem trabalho não tinha nenhum valor), passou a ter base econômica com o cultivo da cana e a industrialização do açúcar. Estavam implantadas as bases de uma sociedade "feudal-escravagista", latifundiária, monocultora e que, por sua produção destinada especialmente aos grandes centros consumidores da Europa, também capitalista.

A agro-indústria do açúcar é uma verdadeira simbiose das diversas etapas do desenvolvimento econômico-social que se sucederam no antigo continente ao longo de 20 séculos: escravagismo, feudalismo e capitalismo.

Posteriormente, a criação extensiva de gado, a cultura do algodão, do café e outras am-

Como os índios se rebelavam contra a escravidão, os lusos trouxeram os "instrumentos de trabalho" do continente africano.

pliaram a base econômica do latifúndio nascido das sesmarias. O latifúndio transformou-se numa instituição nacional. E, em razão de sua produção por ser destinada fundamentalmente aos mercados internacionais, foi-se consolidando a aliança entre a classe latifundiária com o colonialismo no passado e com o imperialismo nos tempos modernos.

A "Lei das Sesmarias" manteve-se até 1822, pouco antes da independência. Durante as três décadas seguintes, certamente como conseqüência da anarquia que caracterizou o I Império da Regência, não foi promulgada uma nova legislação regulando a propriedade da terra.

Entretanto, já em 1850, com a "Lei de Terras" do senador Vergueiro, tratou-se de manter o monopólio fundiário nas mãos das classes dominantes. As terras públicas eram vendidas em leilão, e os licitantes eram, em forma quase exclusiva, integrantes das classes ricas.

A causa fundamental da continuidade do latifúndio aqui no Brasil depois da independência é encontrada no fato de que não tivemos

uma independência efetiva. O que houve foi um conchavo, concretizado no Congresso de Viena sob o comando do chanceler britânico Canning. Pelo mesmo, o Brasil continuaria sob a coroa dos Braganças e passaria a ser uma base de operações das monarquias européias, um gendarme com a tarefa de garantir os interesses europeus no meio das agitadas e meio anárquicas repúblicas que se multiplicavam pelo resto do subcontinente.

Em razão de não ter havido uma ruptura efetiva entre dominadores e dominados, os privilégios dos primeiros continuaram intocados, especialmente o monopólio que os portugueses exerciam sobre a quase totalidade das terras.

Nos Estados Unidos, já em 1774, no "Congresso Continental", que reuniu representantes das "13 colônias" que lutavam pela independência, se decidira pelo confisco de todas as terras dos ingleses e de seus aliados, dividindo-as em lotes. Como a grande maioria das terras era de propriedade de britânicos, a independência significou, simultaneamente, uma ampla e profunda reforma agrária. A Pensilvânia, por exemplo, foi dividida em forma praticamente total em lotes de 500 acres (202 hectares).

Aos colonizadores, na conquista do Oeste, foram assegurados inicialmente propriedades rurais de 640 acres, reduzidas posteriormente para 160 acres. No Sul, continuou vigente o latifúndio, o que

A independência resultou de um conchavo com os ingleses para fazer do Brasil uma base de operações das monarquias européias.

explica o atraso da região em relação ao resto do país.

Essas duas soluções completamente diferentes adotadas em relação à propriedade da terra explicam, no fundamental, a diversidade que se verificou no ritmo de desenvolvimento entre os "dois grandes" da América. É óbvio que o fato dos Estados Unidos terem se tornado posteriormente um país imperialista e o Brasil continuar sendo até hoje uma vítima do imperialismo, acentuou violentamente a diferença entre ambos.

As relações de trabalho geradas pelo latifúndio

Inicialmente, tanto portugueses como espanhóis trataram de escravizar os índios. Em consequência, o mundo assistiu a um dos maiores genocídios da história. O que Simão de Vasconcellos escreveu sobre a América Central vale também — em maior ou menor escala — para o Brasil e para o resto do continente:

"Poucos anos depois do descobrimento da América, propagou-se com facilidade e rapidez terríveis a



Com a vinda de D. João VI para o Brasil, a indústria ganha sinal verde para se desenvolver e o país começa a deixar de ser apenas produtor de açúcar para exportação, mas o latifúndio se transforma em instituição nacional, nascido da "lei das sesmarias", e mantido em mãos das classes dominantes.

opinião de que os nativos desta região não eram seres humanos (...).

"As consequências de semelhante erro foram desastrosas: era o meio de eliminar todos os escrúpulos dos aventureiros que barbaramente escravizaram aos infelizes americanos. Qualquer pessoa podia apropriar-se deles, servir-se deles do mesmo modo que de um cavalo ou de um boi, feri-los, maltratá-los, matá-los sem responsabilidade alguma, sem culpa nem pecado".

"O bispo de Chiapas, diocese do México Ocidental, frei Bartolomeu de las Casas, varão de grande autoridade, afirma que os conquistadores chegaram a alimentar seus cães com a carne dos pobres índios, que para tal fim

matavam e cozinhavam em talhadas como se fossem um animal selvagem. Foi tal a bestialidade com que os colonos trataram os infelizes indígenas, que em poucos anos a América Central ficou convertida num deserto: porque de um milhão e meio de índios não ficaram mais de 50 mil..."

Tratando de pôr fim à barbárie de portugueses e espanhóis, o Papa Paulo III promulgou, em 1537, a bula "Veritas Ipsa", que estabelecia:

"Os chamados índios e todos os demais povos que daqui por diante forem encontrados pelos cristãos, ainda que privados da Fé Cristã, não devem ser privados de sua liberdade, nem do domínio de seus bens e não devem ser escravizados, declarando que os

Qualquer pessoa podia apropriar-se de índios, servir-se deles do mesmo modo que de um cavalo ou um boi, sem culpa nem pecado.

chamados índios e os demais povos devem ser atraídos e convidados à Fé Cristã, com a prédica da palavra divina e com o exemplo da boa vida".

Posteriormente, o Papa Benedito XIV declarou excomungados todos os que escravizassem índios no Brasil. Se os nativos americanos tiveram a seu favor essa proteção (mais formal que real, porque terminaram sendo escravizados ou massacrados pelos *"muy leales y valerosos súbditos de sus Majestades Católicas de España y Portugal"*), os africanos nem isso.

Ao contrário, com base numa bula do Papa Nicolau V, que autorizou a *escavidão de sarracenos, pagãos e outros inimigos de Cristo*, o clero católico aprovou e inclusive utilizou em proveito próprio a *escavidão*. Um testemunho dessa posição tremendamente equivocada da Igreja nos é dado pelo padre Bartolomeu Albornoz:

"Outros dizem que resulta muito melhor para os negros ser trazidos a estes países onde se lhes faz conhecer a lei de Deus e vivem na razão, ainda que sejam escravos, do que deixá-los em sua terra, onde

ainda que livres, vivem como bestas. Eu estou de acordo com isso e a qualquer negro que me pedisse conselho, dir-lhe-ia que é melhor viver como escravo entre nós, que viver como rei em sua terra..."

Como os negros não tivessem oportunidade de aceitar o conselho do padre Bartolomeu, oferecendo-se voluntariamente ao cativeiro... e resistissem dentro de suas possibilidades, às expedições negreiras, os europeus, especialmente portugueses, espanhóis, ingleses, franceses e holandeses passaram a protagonizar o maior genocídio da história da Humanidade.

Os reis de Portugal, que inicialmente tinham o quase monopólio do infame tráfico, estavam preparados para o mesmo, inclusive antes do descobrimento da América. Em 1444, Nuno Tristão havia alcançado a desembocadura do rio Senegal. No mesmo ano, Portugal receberia seu primeiro carregamento de escravos negros, dando início a uma prática que permaneceria durante mais de 4 séculos.

As cifras sobre as entradas de escravos no continente americano durante os séculos XVI a XIX são, é evidente, incompletas e contraditórias pois não havia estatísticas a respeito. Os cálculos variam entre 20 e 55 milhões. Estudiosos da matéria como Du Bois, calculam que por cada negro capturado e embarcado para o Novo Mundo, quatro pelo menos eram mortos na operação de "caça" em território africano. Há que considerar ainda as enormes perdas durante o

transporte, entre o litoral da África e o americano, que em muitos casos significava a morte de 50% da "carga".

Sim, "carga", porque para os portugueses os escravos não eram sequer considerados indivíduos. Em 1687, por exemplo, a Companhia Portuguesa da Guiné recebeu autorização real *"para negociar 10.000 toneladas de negros"*. Justifica-se plenamente a denúncia de José Bonifácio: *"Nenhuma Nação pecou tanto contra a Humanidade quanto a portuguesa"*.

No Brasil "civilizado" (excluídos os índios sobreviventes, que conseguiram isolar-se nas selvas no interior) dos primeiros séculos existiam duas classes fundamentais: os senhores e os escravos. Entre os dois extremos encontrava-se toda uma gama de categorias sociais mais ou menos parasitárias ou totalmente ociosas, que viviam à sombra da classe dominante. A única classe verdadeiramente produtora era a dos escravos.

Lá pelo ano de 1654, Manuel Guedes Aranha, que ocupava o cargo de Procurador do Maranhão,

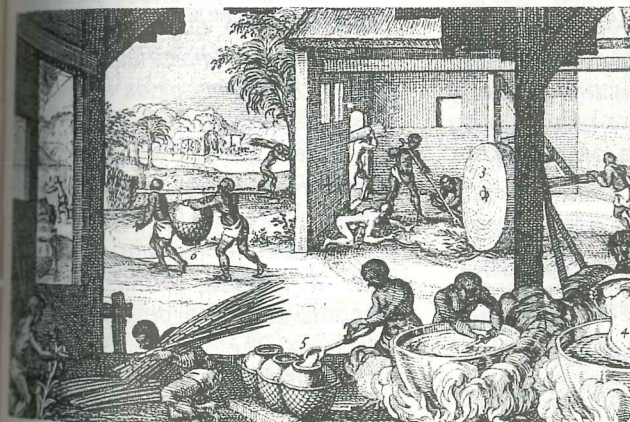
Para cada escravo capturado, outros quatro eram mortos na operação de "caça", e metade dos embarcados morria na viagem.

fazia uma pitoresca definição da divisão de trabalho então existente:

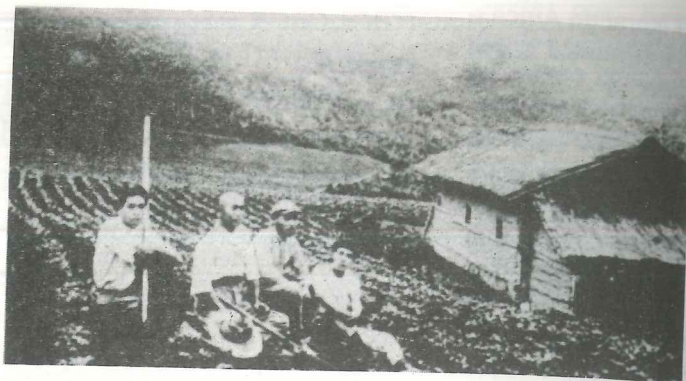
"É sabido que diferentes homens têm aptidões para tarefas diferentes: nós (os brancos) temos aptidão para introduzir a religião entre eles (índios e negros) e eles têm aptidão para servir-nos, caçar e pescar para nós..."

Aristóteles, dois mil anos antes, estabeleceu algo parecido: *"O senhor precisa do escravo para que esse, com sua força muscular, faça as tarefas físicas; o escravo necessita do senhor para que esse lhe dê as ordens devidas..."*

Os latifundiários e os burgueses de hoje, inclusive os "capos" das empresas transnacionais continuam pensando como Aristóteles



O escravo era propriedade do senhor, que dispunha, plenamente e sem restrições, de sua força de trabalho, até o limite de seu desgaste físico ou da morte.



Com o aumento do preço dos escravos os latifundiários começam a trazer imigrantes europeus, por resultar mais econômico.

em relação aos seus assalariados. O que prova que a Humanidade, no relativo às relações de trabalho, não evoluiu muito nos últimos vinte e quatro séculos...

O escravo era propriedade do senhor. Este dispunha plenamente, sem restrições, de sua força de trabalho. Esta podia ser explorada a extremos absurdos significando o desgaste físico parcial ou total — até a morte — do escravo. Quando havia abundância de oferta no mercado de escravos e, em consequência, o preço dos mesmos era "barato", o período de vida útil do cativo era geralmente muito curto devido à intensidade da exploração.

Um viajante inglês, Koster, ao perguntar ao dono de um engenho de açúcar pernambucano sobre a conveniência de zelar pela vida do escravo como forma de assegurar

O preço dos escravos começou a subir quando os ingleses perderam o interesse no tráfico e passaram a reprimi-lo.

o capital aplicado, recebeu como resposta: "O negócio obedece a cálculos minuciosos e um negro morto um ano depois de sua aquisição já não causa prejuízo algum...".

O preço dos escravos começou a subir em forma acelerada depois que os ingleses, não mais interessados no tráfico, passaram a reprimi-lo. Inicialmente, os britânicos haviam utilizado intensamente a mão-de-obra escrava em suas colônias e justificavam com todo tipo de argumentos. Ainda em 1807, Lord Eldon, defendia na Câmara dos Lordes o infame comércio:

"Ele foi sancionado pelos parlamentares em que sentavam-se os juristas mais sábios, os teólogos mais esclarecidos e os estadistas mais eminentes".

Karl Marx, n' "O Capital", mostrava como a burguesia de Liverpool exaltava o tráfico, "que desenvolve o espírito de empresa até a paixão, forma marinheiros incomparáveis e proporciona muito dinheiro".

Entretanto, a necessidade da burguesia industrial inglesa de

ampliar cada vez mais seus mercados e o fato de o escravo ser praticamente um não consumidor de artigos manufaturados, foram fatores decisivos a pressionar no sentido da abolição do tráfico em nível global.

Finalmente, a partir de 1845, em razão do "Bill Aberdeen", que consagrava o direito de abordagem e captura de barcos, colocando sob a jurisdição do almirantado inglês o problema do tráfico, aumentou aceleradamente o preço dos escravos. É evidente que os corsários a serviço de S.M. Britânica não faziam isso por razões humanitárias. A prova é que afundavam os barcos negreiros com toda a "carga", ou a levavam para as colônias britânicas do Caribe.

Entre 1852 e 1854, o preço médio dum escravo no Brasil aumentou de 650.000 réis para 1.200.000 réis. Pouco a pouco, o trabalho escravo deixou de ser econômico. Os latifundiários, inicialmente os cafeicultores paulistas, concluíram que era mais barato importar mão-de-obra "livre". Entre 1855 a 1862, já entravam no país, em média, 15 mil imigrantes por ano para trabalhar nas lavouras de café.

Em 1871, o Visconde do Rio Branco, apelava a Pedro II: "É tempo de resolver este assunto (a escravidão) e Vossa esclarecida prudência saberá 'conciliar' (o grifo é nosso, com o propósito de chamar atenção sobre a idéia motora básica na evolução social brasileira: a conciliação) o respeito à propriedade existente com

Com o tempo, o trabalho escravo deixou de ser econômico e os latifundiários concluíram ser mais barato importar mão-de-obra livre.

essa melhoria social que requerem nossa civilização e até os interesses dos proprietários..." Comprovando o reacionarismo e a inércia que caracterizavam o II Império, somente 17 anos depois se faria algo a respeito.

É evidente que havia que preservar por todos os meios os "direitos" dos grandes proprietários rurais. Os grandes privilegiados — no dizer de Joaquim Nabuco, "a chamada grande propriedade que exige fretes ferroviários baratos, exposições oficiais de café, isenção de todo imposto direto, imigração asiática (a oligarquia da época intentou a 'importação' de chineses — como ocorreu no Peru e outros países latino-americanos — para substituir a mão-de-obra escrava) e uma lei de contratação de serviços que faça do colono alemão, inglês ou italiano um escravo branco".

Mais de um século depois, as classes dominantes continuam a exigir privilégios, favores, isenções e subsídios do Estado. São tão parasitárias como no tempo de Nabuco.

Configurava-se — parcialmente ao menos — em terras brasileiras, o

que Engels escrevera em relação à escravidão clássica: "A escravidão já não produzia o suficiente para compensar os gastos e os esforços que acarretava, por isso desapareceu..."

Em realidade o que terminou, em 1888, foi o "monopólio" que tinham os negros de ser escravos, como disse muito bem Antônio Callado: "O Nordeste deixa um gosto de cinza na boca da gente. A exploração do homem pelo homem é ali igual a não importa que região mais torpe do mundo. Antes da abolição havia no Brasil um requisito indispensável para ser escravo: a cor preta. O Nordeste acabou com o preconceito, qualquer um pode ser escravo, pois este país é livre, ora essa..."

O escravo não deixou de ser escravo porque o monopólio da terra continuou. E a liberdade formal, estabelecida por lei, não significa nada se não é acompanhada de medidas complementares que a tornem uma realidade concreta. No caso, se não fosse acompanhada por uma reforma agrária que assegurasse aos libertos a possibilidade efetiva de

@ Esta análise tão precisa nos ajuda a compreender as raízes históricas das discriminações e do trabalho escravo que persistem em nossos dias? Já conhecíamos esses fatos? O que mais nos terá surpreendido?

@ Essas formas de opressão acontecem na nossa região? Exemplos.

@ O que podemos fazer para mudar relações desumanizadoras que ainda vemos em torno de nós, especialmente nas relações de trabalho?



"Eu dormia e sonhava que a vida era alegria. Despertei e vi que a vida era serviço. Servi e aprendi que o serviço era alegria". (Rabindranath Tagore).

A liberdade dos escravos nada significou, por não ter sido acompanhada de uma reforma agrária que assegurasse trabalho livre em terra própria.

trabalho livre, ou seja, uma fração de terra própria.

Joaquim Nabuco, um político da oligarquia, porém honesto e humano, tinha uma visão absolutamente clara dessa necessidade. Já em 1885, ele defendia a tese de que a abolição da escravatura somente seria uma realidade se acompanhada por uma reforma agrária: "Não há outra solução para o mal crônico e profundo do povo senão uma lei agrária que estabeleça a pequena propriedade (...). É preciso que os brasileiros possam ser proprietários de terra e que o Estado os ajude a sê-lo".

Hoje, mais de 100 anos depois, o latifúndio continua dominante.

O dinamismo transformador dos excluídos

Luiz Alberto Gómez de Souza

dinâmica social tem outra ordenação.

Alguns exemplos históricos podem ajudar. Quem vivia em Roma em crise no século V, ou mesmo anteriormente, durante os tempos brilhantes dos imperadores Adriano e Trajano, poderia desprezar aqueles povos rudes que vinham do Leste, os bárbaros, fora das franjas da civilização. Este último termo se deriva, aliás, de *civitas* — cidade —, e fazia pensar na cidade por excelência, Roma ou Constantinopla. Ora, sabemos que o mundo novo, que já se gestava na Europa em formação, tinha como vetor vigoroso aqueles povos do lado de fora da civilização romana, excluídos da cultura dominante,

Hoje a multiplicidade dos atores sociais questiona as antigas teorias interpretativas da história. A categoria dos excluídos aparece com muita frequência nas últimas análises da conjuntura mundial. Neste artigo amplia-se não apenas o conceito mas as possibilidades efetivas de os excluídos participarem na gestação de um novo período histórico.

O conceito de exclusão é muito relativo. Se com ele queremos assinalar aqueles que não recebem os benefícios e os ganhos da sociedade, estamos apontando para os que se colocam no pólo oposto dos privilégios. Mas se com isso se quer indicar categorias sociais fora do sistema socioeconômico, é preciso ter cautela com a afirmação. Há alguns anos, na América Latina, foi introduzido o termo marginalidade, que agrupa os que estariam à margem da sociedade. Mas, se olharmos mais de perto, os chamados "marginais" (num sentido diferente do que têm na acepção comum das páginas policiais) estão mais presentes do que se pensa na produção de bens materiais e simbólicos, no mundo da economia e da cultura. Não participam na partilha dos resultados, mas são agentes eficientes do lado produtivo e criativo.

Se vemos a sociedade a partir dos centros de poder e de influência, podemos considerar que certos setores sociais estão à margem, praticamente do lado de fora. Mas, como sugeria há alguns anos Gustavo Gutiérrez, se olharmos o mundo "do avesso da história", a partir dos "de abajo", a

aparentemente dinâmica e na verdade em desintegração e decadência.

Um pouco antes, o solene panteão dos deuses de Roma e da Grécia olhava com desprezo religiões que chegavam do Oriente (das várias tradições do mundo judeu, às mitraicas, gnósticas, etc.). Quando Paulo, no areópago, falou de um deus desconhecido, "alguns faziam zombaria" (At. 17.16-34) e ouviam com incredulidade. Como levar a sério os cultos dos excluídos da cultura e do saber oficiais? Mas aquele rabi nazareno, marginal e exótico, cujas idéias eram "escândalo para os judeus e loucura para os gentios" (1Cor 1.19-23), seria o eixo articulador de uma nova história ocidental.

Esgotamento de um período.

Neste final de milênio, sentimos os movimentos sísmicos de um terremoto social profundo, no possível esgotamento de um período histórico que Brudel chamou de "longa duração". Não é apenas a crise de um sistema socioeconômico, como pensava a esquerda tradicional, vítima de sua própria modernidade do século XIX. Os mesmos embasamentos da modernidade são postos em questão, e os chamados parteiros da nova história podem vir dos lugares mais inesperados e surpreendentes.

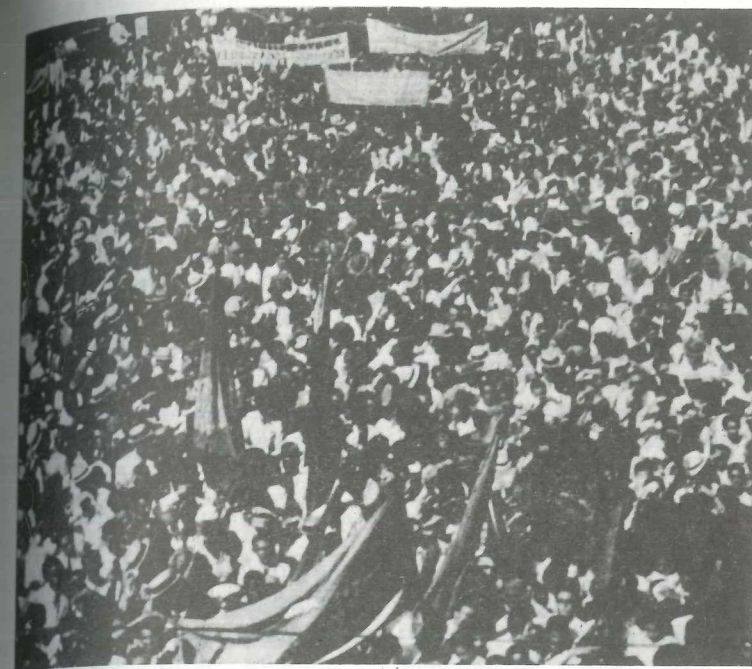
Carlos Marx, homem de seu tempo e de sua civilização, tentou fazer ciência e apontou um sujeito central emergente, o proletariado, que via surgir nas sociedades mais desenvolvidas que conhecia. Tinha, porém, uma visão mais

Os "excluídos" não participam na partilha dos resultados mas são agentes eficientes da produção e criação.

messiânica e linear. Hoje nos damos conta da multiplicidade e heterogeneidade dos atores sociais e do surgimento não previsto de situações inéditas. A história está em aberto, escrita e reescrita contraditoriamente a muitas mãos, num *script* permanentemente reelaborado.

Uma questão se coloca: será que muitos desses excluídos, marginais do sistema oficial, não estão já, desde agora, dando uma contribuição fecunda — a partir de seus dinamismos e potencialidades — aos novos contornos do mundo que se vai construindo? Não é uma afirmação, tão falaciosa como outras, mas uma interrogação aberta aos imponderáveis do possível, que vai bem além do que consideramos previsível.

Nova gestação. Nesse novo patamar de desenvolvimento das forças produtivas, com a revolução da informática, da robótica, da engenharia genética, num período que alguns chamam de pós-industrial, a gestação de nova civilização possivelmente se fará com a contribuição central desses setores tecnológicos de ponta. Mas a história é curiosa e não-linear. Eles podem se cruzar com outras contri-



ções e dinamismos de sabedorias e criatividade que germinam nos "subterrâneos" da história. Computador e práticas tradicionais seriam, então, mais complementares do que se pensa. Aliás, o desenvolvimento das multimídias ajuda a viabilizar experiências locais até então isoladas e as articula em redes de intercomunicação e de troca de saberes e de práticas plurais e diversificadas.

Os excluídos dos centros do poder podem se apropriar das novas tecnologias, até com maior engenho. O dilema não é aquele visto de dentro do sistema: civilização ou barbárie (voltando ao passado, os bárbaros eram os não-

romanos, os não-cidadãos). O que para os encastelados nos privilégios parecia barbárie ou atraso, poderá bem ser elementos de nova civitas.

Análise mais ampla. Gustavo Gutiérrez escreveu sobre "a força histórica dos pobres", dos

Os movimentos sociais populares e alternativos têm mais dinamismo e criatividade que programas oficiais de partidos e grupos ideológicos.

excluídos. Basta olharmos a América para descobrirmos práticas de sobrevivência e de resistência, que são também férteis em criatividade e em experimentação. Os movimentos sociais populares e alternativos (dos sem-terra aos negros e às mulheres) têm um dinamismo e uma inventividade que faltam freqüentemente aos programas oficiais de partidos e de grupos ideológicos. Quem, na metade do século passado, viu os Estados Unidos apenas nas franjas industriais da Costa Leste, não

entendeu tudo o que se preparava também no far west, lá do outro lado do continente. Da combinação dessas duas dinâmicas surgiu o império americano deste século.

Tudo isso foi apenas para dizer que a análise da exclusão pode ser parcial se limitada aos seus aspectos negativos, à denúncia de seus mecanismos perversos, na espera de que estes sejam mudados por receitas "científicas", fabricadas dentro do próprio sistema (o que poderia ser, até certo ponto, de uma certa circularidade insolúvel).

Os chamados excluídos não estarão, muito mais do que pensamos, no centro da própria história em gestação? A maneira como os vemos, mesmo às vezes com a simpatia e a solidariedade dos que

buscam justiça, não poderá ser vítima de nossos próprios preconceitos e de nosso acostumamento com as regras e as normas de "desordem instalada" que denunciemos sem realmente conseguir superá-la?

- Como se produz a exclusão social? Como surgem pessoas e classes sociais excluídas dos benefícios do progresso?
- Como percebemos a situação social na nossa cidade e no país?
- O que está sendo feito ou proposto para mudar situações desumanas? Ações e propostas de governos, de grupos sociais, de movimentos populares alternativos, de igrejas?
- O que estamos fazendo ou dispostos a fazer?

Um mundo em pedaços

Nos últimos anos, não se fala de outra coisa senão da globalização. A palavra impõe-se, de fato, para descrever a abertura de todos os países ao mercado mundial. O

termo é usado também para dar nome à difusão generalizada de uma sociedade de consumo que, à primeira vista, transformaria o planeta num imenso duty-free.

Essa noção tão cômoda, porém, choca-se com duas realida-

des contrastantes. A primeira é o crescente dualismo presente na grande totalidade dos países: todos participam do mercado mundial, mas, nos países ricos, 20% da população fica de fora do processo econômico — cifra que atinge na

América Latina o patamar de 50% e eleva-se em determinadas regiões, sobretudo na África, a 80%. Uma tal realidade, de tão evidente, faz o tema da globalização parecer mais ideológico do que descritivo.

Fonte: Artigo de Alian Touraine na Folha de São Paulo, 13/8/95.

ONDE ESTÁ O DINHEIRO DO MUNDO



Observem os países do Terceiro Mundo, inclusive o Brasil

Fonte: mapa extraído da revista Report on Business, março de 1994.

Os países aparecem em escala aproximada de acordo com a capitalização do mercado de ações em 1992.



É o mundo da desigualdade. Os países valem pelo poder de circulação da riqueza.

Para chegar a uma sexualidade adulta: um recado para adolescentes.

A consciência de mim mesmo deve corresponder àquilo que sou biologicamente: homem ou mulher. A sexualidade é um componente essencial do ser humano. O relacionamento humano é sexual; parte do corpo e se expressa através dele.

Não basta ser psicólogo para escrever sobre sexo. A sexualidade é objeto da psicologia, sociologia, filosofia e religião. A sexualidade, vista sob o aspecto filosófico existencial e personalista, constitui-se numa realidade complexa e dinâmica. Expressa-se em diversos níveis e planos qualitativamente distintos.

Macho e fêmea

O primeiro momento desta estruturação acontece no sexo como macho e fêmea. Acontece na descarga da tensão fisiológica. É o exercício físico do sexo que desemboca no orgasmo. Sexo feito cegamente, apenas por prazer, na mesma dimensão do animal que se acasala. Chegando ao orgasmo, os parceiros se deixam, se afastam, perdem o interesse mútuo, se esquecem e se abandonam. Neste contexto, o sexo é feito sem amor,

sem graça, sem amizade e, sobretudo, sem o clima de segurança da intimidade.

O perigo é parar aí, adaptar-se ao nível animal e gozar como eles, apenas. O que seria muito pobre.

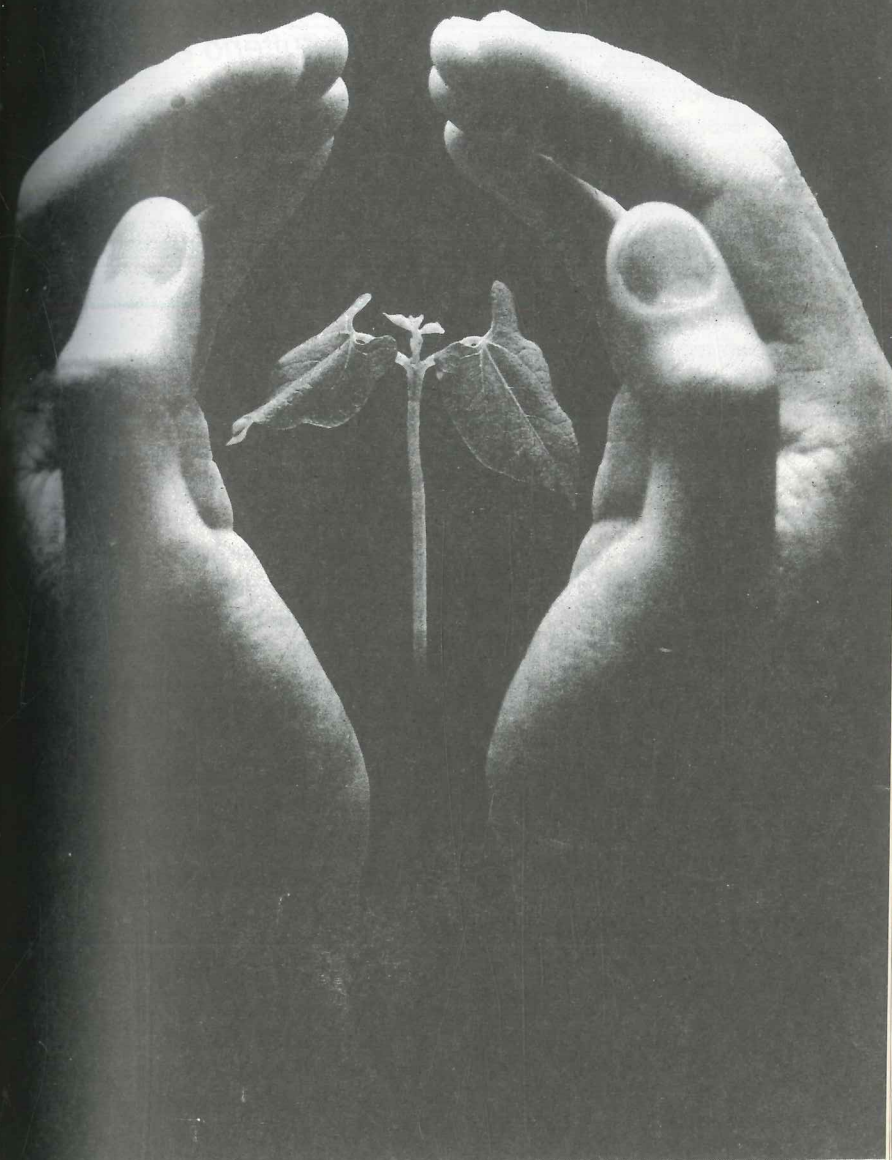
Homem e mulher

Refiro-me ao sexo tipicamente humano, sob o domínio do EROS, da paixão, do desejo erótico e da posse.

"Eu te quero, eu preciso de ti, tu me fazes falta. Sinto uma baixa saudade de ti. Ontem não dormi por tua causa. Morro de ciúmes ao te ver com aquela outra. Chorei de raiva porque não correspondeste. Tenho medo que me abandones e me traias. A inveja me rói por dentro porque fui roubado."

O tema pode até provocar uma risada. Todo mundo sabe para que serve o sexo, e qual o significado dele. Antes de tudo, o sexo é uma maneira de ser que faz a pessoa, homem ou mulher. Gênero masculino e feminino. Dentro desta linha, deve-se também dizer que a identidade sexual pode constituir a base da identidade do eu.

Natal Fachini
Psicanalista



A paixão é cega, mas humana. O sexo é praticado com paixão, impetuoso, atraente, inseguro e possessivo. O adolescente está iniciando esta nova maneira de ser. Ser humano, experimentando liberdade, sendo capaz de decisão, capaz de sentir o parceiro, sua beleza e graça.

O adolescente que vivencia este lado seu, está crescendo por dentro de si mesmo, aumentando a responsabilidade e se dando conta de que o sexo é muito mais do que o prazer do orgasmo.

O adolescente acorda para a novidade de ser pessoa, gente, com capacidade de olhar as estrelas e contemplar o universo único e assombroso que é o parceiro com o qual pode estabelecer uma vivência superior.

Casal

A sexualidade chega a uma estruturação além das fronteiras da paixão. Ela se instala mais ou menos numa maneira de ser e sentir assim: *"eu te amo, portanto preciso de ti. Eu preciso repartir contigo os meus sentimentos, o meu afeto, o desejo de ver-te feliz. Reparto contigo, a cama, a mesa, a casa, o trabalho, a dor, a saúde e a vida toda. Eu te amo e sou solidário contigo. Não preciso mais de outro parceiro. Tu és o meu tudo e a razão de ser da minha vida."*

Tudo isto é plenitude de vida e prenúncio de eternidade. Nesta dimensão temos a linguagem do amor e do silêncio; da adoração e

A estruturação da sexualidade humana é maltratada pelos meios de comunicação social, sobretudo as novelas que banalizam o adultério e a troca de parceiros.

contemplação. A convivência é estável. O parceiro é capaz de ser grato, de pedir perdão, de reparar a ofensa, de apagar a mágoa e começar tudo de novo.

Neste terceiro momento de estruturação da sexualidade humana, dá-se o surgimento daquele sentimento de posse mútua, sem pressões ou opressões, sem a dominação, não dominador e dominado, mas companheiros. Surge, então, a indissolubilidade que é um ato livre dentro de um amor intenso que tudo crê e tudo suporta, tudo espera e admira. O adolescente, por ser um iniciante da vida adulta, não é capaz ainda de sentir tudo isto.

Esta vivência é, hoje, maltratada, prejudicada pelos meios de comunicação social, pelos cinemas e, sobretudo, pelas novelas onde o adultério e a troca de parceiros acontece como quem troca de roupa diariamente.

Comunidade

A sexualidade estrutura sociedades e instituições. O casal se prolonga na participação da vida



A convivência saudável no seu grupo ajuda os adolescentes e jovens a descobrirem o sentido mais profundo e humano da sexualidade como expressão de afeto.

comunitária. Grupos de vida, de trabalho, de vivência sociais na diversão, no estudo, na religião, integram e sustentam o casal. Poder-se-ia afirmar que o casal

encontra sua plena realização sexual na comunidade.

Natal Fachini é psicanalista e autor do livro *"Adolescente - a psicologia deste estranho guri-guri"*, distribuído pelo Mundo Jovem.

Perguntas para os jovens e adolescentes:

⑧ O que pensamos sobre a sexualidade humana? O que nos passam os meios de comunicação, a TV e as revistas "especializadas"?

⑧ O que buscamos como realização da nossa sexualidade?

Perguntas para os pais:

⑧ Como orientar nossos filhos para que caminhem na direção de uma sexualidade adulta? Quais as características de uma sexualidade verdadeiramente humana?

⑧ O que pensam nossos filhos a respeito? É comum o diálogo entre pais e filhos sobre esse tema? Por que? Como deveria ser?

Preparação para o casamento ou separação

Todos nós quando nos casamos o fazemos por amor e julgando que será para sempre. No entanto, dados estatísticos mostram que metade dos casamentos não dura para sempre e ainda que boa parte não atinge 5 anos. Conceituado Juiz de Vara de Família opina que a maior causa das separações é a falta de preparação para o casamento.

Por outro lado, em um curso para bispos no Brasil, perguntou-se quantos dos casamentos religiosos realizados constituíam realmente um sacramento, recebendo-se dos otimistas, a avaliação de 50% e dos pessimistas, de 20%.

O fato é real e a conclusão, inquietante. Porque quando 50 a 80% dos católicos se casam para fazer de sua união um sacramento e não o fazem, algo está muito errado. Não acreditamos na conclusão simplista de que casamento para sempre já era ou que as pessoas ao casarem não foram sinceras. O que há, realmente é falta de conscientização e vivência da fé em base adulta, ou como disse o Juiz, faltou conhecimento

sobre o que é casamento e preparação para vivê-lo.

Se os noivos não sabem o que é, como podem assumir o compromisso decorrente dele? Estas reflexões apontam inequivocamente para a importância e a oportunidade de uma boa preparação para o casamento, o que requer calma, profundidade, liberdade, respeito e ainda coragem, vontade e disciplina.

Mas a grande maioria dos casais ou não se prepara ou o faz de afogadilho, às vésperas da cerimônia, em pouco eficientes cursinhos de fim-de-semana, onde agentes e noivos apenas cumprem uma obrigação. No entanto, tudo poderia ser diferente, se os noivos realmente se preparassem como pessoas para a vida conjugal e a vivência do sacramento, ou seja, para ser um sinal de amor na comunidade onde vivem.

Se vocês pretendem casar-se, pensem nisso e comecem a colaborar para a reversão deste quadro adverso, preparando-se adequadamente para o seu casamento e aconselhando outros a fazerem o mesmo.

Malvina e Marcio Fonseca
MFC - Condição



Leia e assine, dê de presente aos amigos

Fato e Razão

revista da família que quer crescer como família e participar da construção de um mundo mais humano para todos.

assinatura para 4 números: R\$ 16,00

Livraria do MFC - Rua Espírito Santo, 1059/1109

31160-031 Belo Horizonte - MG

pedidos por telefone: (031) 222-5842